

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós – Graduação em Psicologia
Curso de Mestrado**

**A articulação do sujeito: uma análise psicanalítica da fala de afásicos no
processo de reconstrução de sua linguagem.**

Florianópolis

2004

Leyza Schulze Hinckel

**A articulação do sujeito: uma análise psicanalítica da fala de afásicos no
processo de reconstrução de sua linguagem**

**Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em
Psicologia, Programa de Pós – Graduação em
Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas.**

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Scotti

Florianópolis

2004

*Aos sujeitos que na impossibilidade do dizer
são postos em questão.*

*Ao sujeito que na impossibilidade do dizer nunca
se calou.*

A Adilson Paes Ventura.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Sérgio Scotti que enquanto orientador desta dissertação mostrou-se mobilizado pelas questões que as afasias suscitaram neste trabalho e na teoria psicanalítica. Agradeço pela calma e disponibilidade.

Ao Prof. Dr. Fernando Aguiar pelas conversas e contribuições. À Prof^a. Dr^a. Ivanir Barp Garcia pela fundamental participação no exame de qualificação.

Ao Prof. Dr. Pedro de Souza pelo tempo em que cursei sua disciplina de Análise do discurso, disciplina fundamental para a construção das idéias que aqui se apresentam.

À Prof^a. Dr^a. Maria Irma Hadler Coudry pela disponibilidade com que me recebeu no Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) e por ter possibilitado a mim uma outra interpretação de seus casos.

Às Professoras Dras. Cláudia Lemos e Maria Francisca Lier- De Vitto pela contribuição e leitura do projeto de dissertação.

Agradeço ao Giuliano pelo amor, pela paciência e cumplicidade. A concretização dessa etapa da minha vida, só pôde ser trilhada graças a sua presença.

Aos meus pais, Antônio e Luizita, pela confiança, apoio e participação fundamental nas realizações de minhas escolhas profissionais. Graças a eles meus passos tornam-se cada vez mais seguros.

Agradeço também a todos os colegas do mestrado e, especialmente, ao amigo Mário Resende. À Sonia Biehler pelas longas conversas e discussões teóricas. Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma estiveram presentes nessa caminhada.

A todos os professores do Mestrado em Psicologia.

Sumário

Resumo.....	i
Abstract.....	ii
Introdução.....	1
Capítulo 1 – Freud e a Interpretação das Afasias.....	5
1.1 A crítica à concepção localizacionista.....	5
1.2 As afasias e o inconsciente.....	8
1.3 Representação de objeto e representação de coisa.....	13
1.4 Corpo, psiquismo e linguagem.....	17
Capítulo 2 – A teoria lacaniana da constituição do sujeito.....	23
2.1 Significante e significado: de Saussure a Lacan.....	23
2.2 Metáfora e metonímia: a articulação do sujeito.....	25
2.3 A estruturação da subjetividade: do assujeitamento ao advento no Outro.....	32
Capítulo 3 – O discurso em questão.....	41
3.1 A análise do discurso.....	41
3.2 Uma reflexão entre análise do discurso e psicanálise.....	46
3.3 Pesquisa, avaliação e reconstrução da linguagem com afásicos.....	51
3.4 A construção do corpus.....	56
Capítulo 4 – Afasia: o sujeito como efeito da articulação significante.....	58
4.1 As afasias segundo Lacan.....	58
4.2 Metáfora: o distúrbio afásico da contigüidade.....	60
4.3 Situações dialógicas mais complexas.....	64
4.4 A reconstrução da linguagem do afásico: do pequeno ao grande Outro.....	69
4.5 A afasia e o processo primário presente nos sonhos.....	81
4.6 Afasia: a desorganização imaginária e o sujeito do enunciado.....	87
4.7 Metonímia: o distúrbio da similaridade.....	96

Considerações finais.....100

Referências bibliográficas.....104

Hinckel, Leyza S. **A articulação do sujeito: uma análise psicanalítica da fala de afásicos no processo de reconstrução de sua linguagem.** Florianópolis, 2003. 106f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós – graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Scotti

Defesa: 06/02/04

Resumo

Esta dissertação tem como ponto de partida a análise do discurso de dois sujeitos afásicos. Os casos aqui apresentados referem-se à prática clínica e investigativa de Coudry (1996). Através da Análise do Discurso buscou-se retomar os casos de Coudry e considerá-los a partir da perspectiva psicanalítica.

A análise dos diálogos entre os sujeitos P e N com Coudry foi orientada pela teoria lacaniana da constituição do sujeito. Diante disso constatou-se na fala dos afásicos em questão a presença de um sujeito que insiste mesmo na falha de linguagem produzida pela afasia. A relação terapêutica promovida por Coudry em seu contato com esses sujeitos é de fundamental importância, pois é através dessa relação que os afásicos encontram suporte para a reconstrução de sua linguagem.

Um estudo sobre as afasias permite compreender melhor a psicanálise. Levar em conta as afasias sob uma perspectiva psicanalítica possibilita considerar o sujeito, um sujeito que se constitui pela linguagem.

Palavras – chave: afasia, psicanálise, análise do discurso.

Abstract

In this dissertation we deal with the analysis of speech of two aphasic patients. The cases presented here refer to investigative and clinical practice of Coudry (1996). Using the speech analysis techniques, we intended to revisit the cases of Coudry and considerate them with a psychoanalytical perspective.

The analysis of dialogues between patientes P and N with Coudry was oriented by the lacanian theory of constitution of the subject. As the study went on, it was found in the speech of the aphasics the presence of a subject that is present even in the language failures produced by aphasia. The therapeutic relation promoted by Coudry in her contact with these patients is fundamental, because is through this relationship that the aphasics find support to rebuild their language.

A study about the aphasias leads to a better comprehension of psychoanalysis. And study aphasia with a psychocanalytical perspective helps to considerate the subject itself, a subject that constitutes himself with the language.

Keywords: aphasia, psychoanalysis, speech analysis.

Introdução

A presente pesquisa tem como tema central as afasias. De acordo com Coudry (1996) o sujeito afásico apresenta alterações de processos lingüísticos relacionados à significação de origem articulatória e discursiva. Essas alterações na linguagem são causadas por lesão adquirida no sistema nervoso central.

A idéia de desenvolver um trabalho sobre afasia surgiu da experiência pessoal da pesquisadora com um sujeito afásico. A partir disso muitos questionamentos puderam ser elaborados, principalmente em relação às modificações trazidas pela afasia na vida do sujeito em questão. Mezan (1998) utiliza a psicanálise para significar a escrita ou uma tese na medida em que representam um sintoma, ou seja, existe uma dinâmica pulsional sustentando a ação do sujeito e dando sentido à sua obra. As colocações do autor são levadas em conta pela pesquisadora na medida em que a mesma considera sua experiência pessoal com um sujeito afásico.

A psicanálise é a base teórica deste trabalho . Os pressupostos freudo-lacanianos são o ponto de partida, pois com Freud, através de sua obra intitulada “A interpretação das Afasias” (1981), encontrou-se o caminho que norteou a concepção da linguagem enquanto fator de constituição do sujeito. Quanto a Lacan, sua importância está em partir de Freud e considerar o que há de fundamental nas idéias do mesmo: a fundação do inconsciente na linguagem e na fala. A teoria lacaniana toma como base a lingüística e parte da existência de uma ordem simbólica preestabelecida na qual o ser humano está inserido. Diante das colocações feitas, é necessário expor primeiramente uma breve introdução das idéias de Freud sobre as afasias.

A “Interpretação das Afasias”, obra apresentada por Freud em 1891, é o ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa em questão. Nessa obra Freud faz uma crítica à

teoria localizacionista, que pretende dar a cada localização cerebral uma determinada função. Freud irá propor suas idéias na medida em que rompe com a concepção mecanicista das afasias, pois o que importa para a concepção freudiana (1979), não é localizar lesões no cérebro que caracterizam determinadas alterações na linguagem, mas compreender a estrutura e função do aparelho de linguagem a partir da observação das perturbações da fala.

O estudo de Freud sobre as afasias deu as bases para a teoria psicanalítica, pois a concepção de linguagem apresentada funciona como modelo para se pensar o inconsciente. Propor um estudo das afasias através da psicanálise possibilita compreender melhor a teoria psicanalítica.

A contribuição de Jacques Lacan em relação as afasias é considerá-las sob a ótica do significante, ou seja, considerá-las através dos mecanismos metafóricos e metonímicos. Assim como Freud, Lacan discorda da concepção tradicional que considera as afasias apenas segundo os distúrbios de linguagem e lesões cerebrais que lhe são próprios, pois o que interessa à teoria lacaniana é a constituição do sujeito através da linguagem, através da articulação significante. É através da teoria lacaniana da constituição do sujeito que se procurou neste trabalho considerar o sujeito afásico.

A análise do discurso, enquanto instrumento metodológico desta pesquisa, se constitui a partir dos anos 60 pela relação entre três abordagens: a lingüística, o marxismo e a psicanálise. No entanto, este trabalho tem como foco central a teoria psicanalítica e frente a isso, a análise do discurso partirá de algumas concepções e considerações relativas à problemática da dissertação em questão.

Em primeiro lugar utilizou-se as idéias de Orlandi (2001) no que diz respeito às suas afirmações sobre o discurso. A autora em questão considera o discurso como prática de linguagem e diz que o estudo do discurso procura trabalhar com a língua através de maneiras de significar. Para Orlandi (2001) o discurso se dá entre os processos parafrásticos e

polissêmicos (entre o mesmo e o diferente). Porém, além de considerar as idéias de Orlandi no que diz respeito ao discurso, esta dissertação procura realizar em seu método de análise uma reflexão entre análise do discurso e psicanálise para poder delimitar o papel da mesma em relação ao discurso. Caberá à psicanálise levar em conta no sujeito do discurso a sua indeterminação, um sujeito que, enquanto efeito de linguagem, pressupõe o sujeito do inconsciente.

Faz-se necessário expor a questão através da qual se direcionou esta pesquisa: Como, a partir da análise da fala de afásicos, podemos encontrar a confirmação de que a subjetividade decorre de uma articulação significativa e como essa dimensão do sujeito, no caso dos afásicos, pode ser recuperada através do manejo deste discurso na situação terapêutica? A questão anterior deu as bases para a análise de dois casos de sujeitos afásicos, casos estes apresentados por Coudry em “Diário de Narciso: discurso e afasia – análise discursiva de interlocuções com afásicos”. Os casos, anteriormente citados, foram retomados neste trabalho por meio de uma outra perspectiva de análise: a teoria psicanalítica.

Alguns objetivos foram traçados na análise dos discursos de afásicos aqui propostos: fazer uma leitura psicanalítica do processo interacional proposto por Coudry na reconstrução da fala de afásicos, compreender as afasias através da análise do discurso de afásicos, segundo os processos metafóricos e metonímicos. Encontrar, na análise dos casos apresentados, um sujeito que, não sendo radicalmente nem o sujeito gramatical e nem o sujeito do inconsciente, aponta para a dimensão subjetiva produzida pela articulação significativa. E como último objetivo, pretende-se demonstrar através da análise do discurso um certo grau de indeterminação dessa subjetividade pela linguagem, o que sugere a noção de sujeito do inconsciente.

Para localizar os conteúdos acima expostos serão apresentados a seguir os capítulos deste trabalho. O primeiro capítulo parte da obra de Freud sobre as afasias e, segundo essa

obra, são destacados aspectos como a crítica de Freud à teoria localizacionista, bem como a relação existente entre a obra em questão com o que viria a se constituir como a teoria psicanalítica. No segundo capítulo é trabalhada a teoria lacaniana da constituição do sujeito, e para tanto destaca-se alguns pontos referentes à constituição do sujeito pela linguagem. O terceiro capítulo apresenta a construção do método da dissertação e, diante disso, a análise do discurso é introduzida segundo um dispositivo teórico e analítico. A análise propriamente dita está localizada no quarto capítulo. Nesse capítulo está exposto o corpus de análise construído a partir dos dois casos expostos por Coudry.

Quanto à relevância deste estudo, pode-se considerar primeiramente as palavras de Lacan:

“É surpreendente ver que, à medida que se engalfinham com o delicado tema da afasia, isto é, do déficit da fala, os neurologistas, não especialmente preparados para isso por sua disciplina, fazem progressos notáveis, dia após dia, quanto ao que se pode chamar de sua formação lingüística, enquanto os psicanalistas, cuja arte e técnica repousam inteiras no uso da fala, até hoje não a levaram minimamente em conta(...)”.
(Lacan, [1957-1958]1999, p.31)

A importância da linguagem para a psicanálise é inquestionável. A passagem anteriormente citada por Lacan remete à consideração do discurso que se apresenta deficiente – as afasias. Esta pesquisa pretende, justamente, levar em conta as afasias e, principalmente, o sujeito afásico através da perspectiva psicanalítica.

Capítulo 1 - Freud e a Interpretação das afasias

1.1 A crítica à concepção localizacionista

Em 1891, Sigmund Freud, ainda um neurologista, apresentou uma nova concepção para o entendimento das afasias. A “Interpretação das Afasias” indicou as bases para a teoria psicanalítica. As idéias de Freud sobre as afasias partiram de sua crítica à teoria das localizações cerebrais. “(...)Os adversários são claramente nomeados – Wernicke, Lichtheim, Grashey –, Meynert permanece como uma mistura de mentor intelectual e candidato a arquiiinimigo. A batalha será travada em torno da questão das afasias” (Garcia-Roza, 1991, p. 19).

Garcia-Roza (1991) indica a comunicação feita por Paul Broca à Sociedade Anatômica de Paris, em 1891, como o ponto de partida para a teoria das localizações cerebrais. Essa teoria atribuiu para cada localização cerebral uma determinada função.

Algum tempo depois Wernicke publicou um escrito sobre as afasias que contribuiria com as idéias de Broca. A partir de então a relação entre os distúrbios da linguagem com lesões cerebrais localizadas designará centros que determinam a linguagem no cérebro: centro motor (área de Broca), centro sensorial (área de Wernick) e um sistema de fibras de associação ligando as duas áreas.

Para Garcia-Roza (1991), Freud utilizou o exemplo da afasia motora transcortical para propor uma explicação com bases na hipótese funcional, negando assim a perturbação da linguagem como resultado da interrupção localizada numa via. Segundo Freud (1979), a afasia motora transcortical é caracterizada pela perda do falar espontâneo, permanecendo a capacidade de repetir e ler em voz alta. Para explicar a perda funcional do tipo de afasia em questão, Freud contrapôs as idéias de Lichtheim e Heubner.

Para Lichtheim, a afasia motora transcortical é explicada pela interrupção da via do falar espontâneo, porém essa explicação tornou-se insuficiente diante do caso apresentado por Heubner. “Felizmente estamos agora em condições de chegar a compreensão destes casos seguindo uma outra via”.(Freud, [1981]1979, p.37)

O paciente citado por Heubner apresentava uma típica afasia motora transcortical juntamente com perda da compreensão da linguagem. Isto é, o paciente não compreendia o que lia, escrevia ou repetia – sintomas que coincidem com a afasia sensorial transcortical de Lichtheim. “Este caso não podia portanto explicar-se dentro do esquema de Lichtheim, por uma simples lesão, mas antes pela coincidência de duas lesões e precisamente nas vias BM e BA”.(Freud, [1981]1979, p.37)

De acordo com Freud (1979), a autópsia do paciente de Heubner demonstra dados muito importantes. Primeiramente foi verificado que a lesão na zona motora é insignificante para ser responsabilizada pela perturbação de linguagem em questão. Posteriormente observou-se um importante amolecimento cortical na zona sensorial. Pode-se concluir que uma lesão sensorial transcortical provoca também a interrupção da fala espontânea.

“Antes de mais, dever-se-ia pensar que nenhuma lesão conseguiria explicar a redução da excitabilidade num centro que, pelo contrário, nos pareceria uma situação puramente “funcional”. Precisamente. E podem de fato existir situações semelhantes à afasia motora transcortical, surgidas por efeito de um dano puramente funcional sem qualquer lesão orgânica”.(Freud, [1981]1979, p. 43)

Ao afirmar a ocorrência de um dano funcional sem o acometimento de uma lesão orgânica, Freud(1979) não nega os processos fisiológicos (que uma lesão orgânica acarretará uma perturbação funcional), porém critica a intenção de localizar funções cerebrais através de perturbações funcionais. “O termo perturbação funcional designa uma série de efeitos que devem ser relacionados com o funcionamento global do aparelho, ao invés de serem

explicados em termos de uma relação mecânica entre o clinicamente observado e o anatômico”.(Nassif apud Garcia-Roza, 1991, p.29)

Há um novo direcionamento na relação entre funções e localizações cerebrais. De acordo com Freud (1979), o aparelho de linguagem reage a uma lesão de maneira solidária, como um todo. Os resultados da lesão não demonstrariam uma deficiência de partes isoladas, mas um enfraquecimento na sua função por meio de uma perturbação funcional.

A reação solidária do aparelho de linguagem faz com que a atividade de um centro seja substituída pela atividade de um outro centro associado ao primeiro. Essa substituição, para Freud (1979), repete uma situação que se apresenta durante a aprendizagem das funções de linguagem.

“(…)A única diferença está no fato de no aprender estarmos ligados à hierarquia existente dos centros que iniciariam a sua função em tempos diversos (primeiro o sensorial acústico, depois o motor, mais a diante o visual e por fim o gráfico), ao passo que nos casos patológicos é chamado em auxílio em primeiro lugar o centro que permaneceu mais eficiente”. (Freud, [1981]1979, p.54)

Freud (1979) prossegue com a crítica à teoria localizacionista no que diz respeito às faculdades psíquicas. A teoria da localização das faculdades psíquicas designa a célula nervosa como correspondente fisiológica da representação; a representação como cópia da impressão. De acordo com essas idéias os processos psicológicos seriam uma reprodução mecânica dos processos fisiológicos.

A idéia de processo é utilizada por Freud (1979) para romper com a relação de causalidade entre o psíquico e o fisiológico. Há um paralelismo entre duas ordens de processos. Segundo Garcia-Roza (1991), é impossível termos uma sensação sem a associação psíquica, pois são dois aspectos de um mesmo processo.

“(…) Um outro aspecto da concepção freudiana é que não apenas o processo é unitário e indivisível, isto é, não há dualidade entre a impressão e a associação, mas o aparelho psíquico é unitário e indivisível, isto é, que ao texto psíquico corresponde, como correlato, um tecido fisiológico que lhe serve de suporte”.(Garcia-Roza,1991, p. 35)

Alguns pontos importantes puderam ser considerados para a compreensão do que Freud expõe sobre as afasias. A partir da crítica à teoria localizacionista, o autor em questão formula a hipótese funcional, bem como afirma a impossibilidade de localizar os processos psíquicos. Esse caminho percorrido por Freud é fundamental para o conceito de aparelho de linguagem.

1.2 As afasias e o inconsciente

O termo “aparelho de linguagem” utilizado por Freud em “A Interpretação das Afasias” é compreendido por Garcia-Roza (1991) como um conceito que vai além da neurologia, justamente por dizer respeito à linguagem, podendo assim, funcionar como modelo para se pensar o inconsciente.

Freud (1979) concebe a região cortical da linguagem como uma área contínua do córtex. Essa idéia permitirá a construção do conceito de “aparelho de linguagem” como um campo de associações e de transferências. O aparelho de linguagem deve ser considerado em termos estruturais e não como uma soma de áreas corticais distintas.

Segundo Moraes (1999), a intenção de Freud no seu estudo sobre as afasias é compreender a estrutura e função do aparelho de linguagem a partir da observação das perturbações da fala.

Para Freud (1979), poderia haver uma discussão quanto às suas idéias de contestar a existência de centros específicos para a linguagem, já que para outras funções ainda são considerados centros específicos: óptico, acústico, etc. Freud acredita que para as outras funções também podem haver considerações análogas à linguagem, apesar de possuírem campos corticais mais bem delimitados. No caso da linguagem, seu campo associativo está desprovido de relações diretas com a periferia do corpo, de vias de projeção sensíveis próprias, podendo assim ser considerado como um todo. “O território da linguagem define um lugar que é concebido por Freud como uma totalidade, como algo que não pode ser dividido ou fragmentado em “centros” , mas como algo unitário e indivisível, e somente em relação a algo deste tipo podemos empregar o termo aparelho”. (Garcia-Roza, 1991, p. 37)

As considerações de Freud a respeito da noção de aparelho de linguagem em sua obra sobre as afasias conduzem este texto para as idéias que o autor apresentou em sua obra “O inconsciente” (1915). Em seguida serão apresentadas as idéias de Freud sobre o inconsciente e, mais especificamente, os pontos em que ele, a partir das afasias, constrói a idéia do que viria a ser o inconsciente.

O ato psíquico, para Freud (1996), passa por duas fases. Na primeira delas ele caracteriza-se por pertencer ao sistema inconsciente. Na segunda fase será encontrado o sistema consciente, porém o ato psíquico só chegará ao sistema em questão caso não tenha sido rejeitado pela censura. A passagem para o sistema consciente não dá garantias de que o ato psíquico tenha uma relação direta com a consciência, tornando-se apenas capaz de se tornar consciente, e isso é o que permite denominar também o sistema consciente de pré-consciente.

Quando Freud afirma a existência de dois sistemas psíquicos, afirma a impossibilidade de localizá-los anatomicamente no cérebro e situar a atividade consciente no córtex e os processos inconscientes nas partes subcorticais do cérebro. “(...) Nossa topografia psíquica, no

momento, nada tem que ver com a anatomia, refere-se não a localidades anatômicas, mas a regiões do mecanismo mental, onde quer que estejam situadas no corpo”. (Freud, [1915]1996, p.179). A proposta de Freud é considerar o inconsciente segundo o ponto de vista topográfico, dinâmico e econômico.

O ponto de vista topográfico diz respeito a uma separação dos sistemas inconsciente e consciente. Com isso Freud (1996) possibilita a idéia de que eles possam existir simultaneamente. Levar em conta a topografia psíquica é considerar o ato psíquico em relação ao sistema em que ele se apresenta. O ponto de vista topográfico significa:

“(...) uma diferenciação do aparelho psíquico num certo número de sistemas dotados de características ou funções diferentes e dispostos numa certa ordem uns relativamente aos outros, o que permite considerá-los metaforicamente como lugares psíquicos de que podemos fornecer uma representação figurada espacialmente”. (Laplanche e Pontalis, 1970, p. 656)

A concepção dinâmica dos fenômenos psíquicos caracteriza-se pelo conflito de forças entre inconsciente e consciente. A respeito disso, Freud (1996) diz que na passagem do sistema inconsciente para o consciente não há a instauração de um novo registro, mas a alteração em sua catexia. No ponto de vista dinâmico o que impera é a perspectiva funcional. Em relação ao ponto de vista econômico, os processos psíquicos esforçam-se por fazer a energia pulsional (catexia) circular. O aspecto econômico dos fenômenos psíquicos é responsável por manter baixo o nível de energia que circula.

“Não será descabido dar uma denominação especial a essa maneira global de considerar nosso tema, pois ela é a consumação da pesquisa psicanalítica. Proponho que, quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação metapsicológica (...)”. (Freud, [1915]1996, p.186)

As idéias expostas acima mostram o campo psíquico como algo que não pode ser fragmentado, mas sim considerado a partir de um processo que rompe com a causalidade entre o psíquico e o fisiológico. Essas idéias tiveram como ponto de partida a obra de Freud sobre as afasias.

Na obra mencionada anteriormente, Freud promove, como já foi visto no início deste capítulo, uma crítica à teoria das localizações cerebrais, crítica esta que impossibilita a seguinte idéia: para cada região do cérebro existe uma determinada função. A partir do ideal localizacionista as afasias seriam compreendidas a partir da região da linguagem que foi lesionada. A crítica proposta por Freud permitiu a concepção de aparelho de linguagem e é essa concepção a responsável por dar as bases ao que Freud viria a chamar de inconsciente.

Em “O inconsciente” (1915) Freud fala na impossibilidade de determinar os sistemas psíquicos em localidades específicas do cérebro. Pode-se remeter essas idéias ao que o autor considerou sobre as afasias, sobre o erro de classificar o déficit de linguagem segundo a interrupção localizada numa via. Esse primeiro ponto mencionado refere-se à concepção topográfica do inconsciente, uma concepção que não busca lugares para os sistemas psíquicos, mas sim diferenciá-los segundo as características e funções que desempenham no aparelho psíquico.

Freud, em seu texto sobre as afasias (1981), formula a hipótese funcional como o contraponto da teoria localizacionista. Pois, com o termo funcional o autor designa o campo da linguagem como um todo e não como a soma de áreas corticais demarcadas. Isto é, o aparelho de linguagem reage a uma lesão de maneira solidária, pois a atividade de um centro é substituída pela atividade de outro. A hipótese funcional de Freud com relação à linguagem pode ser comparada ao aspecto dinâmico do inconsciente, pois é Freud quem afirma que na passagem do sistema inconsciente para o próximo sistema, há, com relação a energia pulsional, uma mudança em seu estado. Essa mudança não origina uma nova localidade

psíquica e por isso Freud afirma: “(...) Aqui, a hipótese funcional anulou facilmente a topográfica”. (Freud, [1915]1996, p.185)

Outra questão levantada por Freud no que diz respeito à hipótese funcional é a existência de sintomas afásicos advindos de lesões cerebrais ou não. Isso levou Freud (1979) a considerar uma estrutura afásica de linguagem presente em sujeitos não acometidos por lesões cerebrais, mas que em estado de cansaço, por exemplo, poderiam manifestá-la. Pode-se deduzir que daí a teoria do ato falho já aparece prefigurada.

Freud (1979) cita Hughlings Jackson para levantar a questão do resto de linguagem presente na afasia motora, “(...) esse resto de linguagem não raramente consiste numa forte blasfêmia (Sacramento, Bom Deus, etc.) e Hughlings Jackson observa que, mesmo em estado de saúde, uma blasfêmia assim pertencia não à linguagem intelectual mas à emocional”. (Freud, [1981]1979, p.61). Diante disso, Freud (1979) questiona o motivo pelo qual determinado resto de linguagem escapa à destruição e considera que tais restos de linguagem sejam as últimas palavras formadas pelo aparelho de linguagem antes da sua lesão.

Pode-se pensar no significado da palavra blasfêmia (palavras que ultrajam a divindade, a religião ou pessoas respeitáveis) citada por Jackson, como algo que foge ao controle manifestando-se através da linguagem. “(...) em “Afásias” podemos também encontrar uma antecipação da teoria sobre o ato falho, o chiste e o lapso como exemplos vivos de condensação e de deslocamento operados pela linguagem”.(Garcia-Roza, 1991, p.28)

Garcia-Roza (1991) utiliza o termo “efeitos de sujeito”, empregado por Nassif para indicar os restos de linguagem do discurso afásico como subversor do discurso bem formado. Algo que subverte pode trazer o novo (ato-falho) e o inesperado – o que, para Freud, caracteriza o funcionamento da linguagem. “Consideremos agora a noção de sujeito. Quando se a introduz, introduz-se a si mesmo. O homem que lhes fala é um homem como os outros –

serve-se da má linguagem. Si-mesmo está, pois, em causa”. (Lacan apud Garcia-Roza, 1991, p. 40)

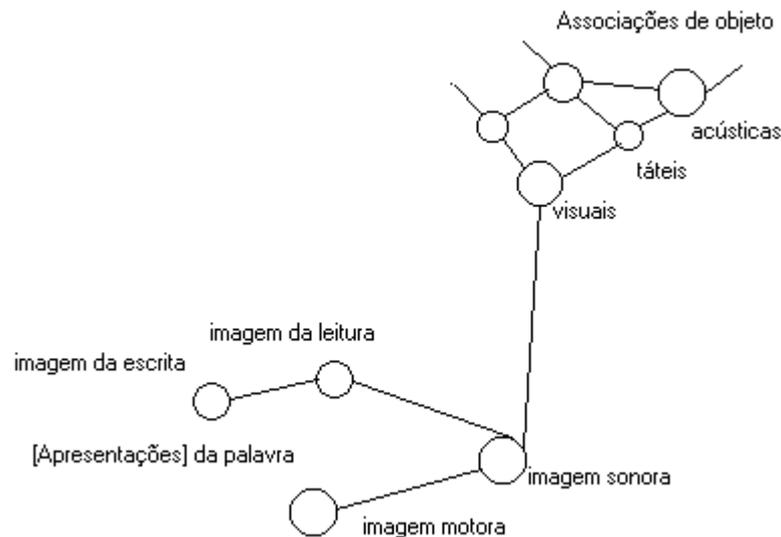
1.3 Representação de objeto e representação de coisa

Freud (1979) considera a noção de aparelho de linguagem como uma totalidade, como um campo caracterizado por seus aspectos dinâmicos – aspectos estes presentes na possibilidade da linguagem enquanto um campo de associações e transferências. É a partir dessas idéias que Freud introduz a representação de palavra e representação de objeto.

A partir da idéia de aparelho de linguagem Freud constrói um modelo teórico no qual dá ênfase à representação de objeto e à representação de palavra como formas de organização de imagens, como formas pelas quais as associações e transmissões de imagens se coordenam no campo de linguagem. Segundo Freud (1979), a palavra é a unidade de função da linguagem e é composta por um complexo processo associativo no qual estão presentes elementos acústicos (imagem acústica), visuais (imagem da escrita e da leitura) e motores (imagem motora). A palavra encontra sentido pela ligação com a representação de objeto.

A representação de palavra é caracterizada por um complexo representativo fechado. No entanto, a representação de objeto aparece como um complexo aberto (um complexo aberto a novas associações, pois o homem está sujeito a estímulos constantemente) de representações visuais, táteis, acústicas, etc. A representação de palavra está ligada à representação de objeto apenas pela imagem acústica e entre as associações de objeto são as imagens visuais que representam o objeto, assim como a imagem sonora representa a palavra. Portanto, a palavra diz respeito a uma associação de imagens mnêmicas que encontra significado na articulação da imagem acústica com as associações de objeto. Na seqüência

será apresentado o diagrama concebido por Freud (1979) a respeito da representação de palavra e representação de objeto:



Segundo Moraes (1999), Freud propõe os tipos de afasia segundo o modo de associação dos dois complexos: representação de palavra e representação de objeto. Na afasia verbal são perturbadas as associações entre cada um dos elementos da representação de palavra (imagem acústica, imagem visual, imagem motora). A perturbação da associação entre a representação de palavra e a representação de objeto caracteriza a afasia simbólica e, por fim, a afasia agnóstica que ocorre quando não há reconhecimento de objetos.

Birman (1993) afirma que o que define a idéia de linguagem no discurso de Freud é a dimensão da escuta e o registro da palavra falada; não a dimensão lógica do conceito. Em relação ao registro do objeto, a imagem visual é a representação propriamente dita.

“O que quer dizer que uma representação não é a reprodução de um objeto externo, isto é, que seu significado não provém do objeto, mas das associações entre as várias representações. Essas associações se fazem nos dois sentidos: a palavra adquire significado pela ligação com a representação – objeto, o objeto ganha identidade pela articulação com a representação – palavra. Não há, portanto, significação anterior ao

pensamento, ela se dá pela diferença nos vários registros através dos quais se articulam as associações ou representações”. (Moraes, 1999, p. 19)

Para Birman(1993), a articulação entre a representação de palavra e a representação de objeto está presente no ensaio metapsicológico “O inconsciente” como a condição de possibilidade para que algo se torne consciente. A partir de agora serão introduzidas algumas considerações a respeito da obra citada acima.

Freud escreve em seu texto sobre o inconsciente (1915) a respeito da representação de palavra e representação de coisa para, com isso, possibilitar uma compreensão geral do inconsciente. É através de alguns casos de esquizofrenia estudados por Freud que o autor introduz a proposta apresentada acima.

Na fala dos esquizofrênicos Freud (1996) observa consideráveis modificações: “(...) A construção de suas frases passa por uma desorganização peculiar, que as torna incompreensíveis para nós, a ponto de suas observações parecerem disparatadas”.(...). (Freud, [1915]1996, p.202). O autor prossegue e diz que na esquizofrenia as palavras estão sujeitas a um processo comparável ao existente nos sonhos, o processo primário: as palavras se coordenam por condensação e deslocamento, havendo a possibilidade de uma palavra assumir a representação de um encadeamento de pensamento.

Freud (1996) constata na fala dos pacientes esquizofrênicos uma formação substitutiva e como exemplo disso faz-se necessário citar um dos casos mencionados por ele:

“(...) Esse paciente se comportava, sob outros aspectos, exatamente como se sofresse de uma neurose obsessiva; levava horas para tomar banho e se vestir, e assim por diante. Tornou-se observável, contudo, que ele era capaz de fornecer o significado de suas inibições sem qualquer resistência. Ao calçar as meias, por exemplo, ficava perturbado pela idéia de que ia separar os pontos da malha, isto é, os furos, e para ele

cada furo era um símbolo do orifício genital feminino. Isso, mais uma vez, é algo que não podemos atribuir a um neurótico obsessivo”. (...) (Freud, [1915]1996, p.205)

A formação substitutiva causa estranheza na fala do sujeito como no caso anterior em que o paciente relaciona os pontos da malha da meia ao orifício genital feminino. Porém, a responsável por dar o caráter de estranheza à formação substitutiva é a predominância das palavras sobre as coisas, pois em relação à coisa não há semelhança entre os pontos da malha de uma meia e o orifício genital feminino, a não ser pelo sentido verbal de ambos serem buracos. “O que dita a substituição não é a semelhança entre as coisas denotadas, mas a uniformidade das palavras empregadas para expressá-las”. (...) (Freud, [1915]1996, p205)

A partir de então Freud (1996) introduz a noção de representação de palavra e representação de coisa. A representação de coisa juntamente com a representação de palavra que lhe é correspondente dizem respeito à representação na consciência, já a representação de coisa, isoladamente, diz respeito ao inconsciente.

“(…) O sistema Ics. contém as catexias da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais; o sistema Pcs. ocorre quando essa apresentação da coisa é hipercatexizada através da ligação com as apresentações da palavra que lhe correspondem. São essas hipercatexias, podemos supor, que provocam uma organização psíquica mais elevada, possibilitando que o processo primário seja sucedido pelo processo secundário, dominante no Pcs”. (...) (Freud, [1915]1996, p.206)

Na obra de Freud sobre as afasias o que ele denomina de representação de objeto está em “O inconsciente” como a representação de coisa. Diante disso é possível estabelecer uma relação entre representação de objeto / representação de coisa / representação de palavra.

Em “A interpretação das afasias” Freud diz que uma palavra encontra significado quando articula-se a uma representação de objeto e, por outro lado, seguindo as palavras de Moraes (1999) já mencionadas neste texto, o objeto ganha identidade pela articulação com a representação de palavra. Diante disso, considera-se a articulação entre representação de coisa e representação de palavra feita por Freud em seu texto sobre o inconsciente como a possibilidade para algo se tornar consciente. Como afirma ele, uma representação que não esteja posta em palavras se mantém no inconsciente pela repressão. A repressão nega à representação a sua tradução em palavras.

1.4 Corpo, psiquismo e linguagem

De acordo com Birman (1993), a “Interpretação das Afasias” é um estudo fundamental para a constituição da psicanálise. A problemática da linguagem apresentada nesse ensaio articula-se com outro artigo de Freud denominado “Tratamento Psíquico” (1905). A partir da relação entre esses dois escritos surgiram os esboços iniciais entre a metapsicologia freudiana e a experiência clínica. O ensaio intitulado “Tratamento Psíquico” pode ser considerado o contraponto clínico do ensaio sobre as afasias. A seguir será apresentado o caminho percorrido por Freud no tratamento da histeria, um caminho que vai da hipnose a associação livre.

Este texto tem como objetivo traçar alguns pontos fundamentais entre as idéias propostas por Freud em a “Interpretação das Afasias” e dois textos em que ele fala da histeria: “A Psicoterapia da Histeria” (1893-1895) e “Tratamento Psíquico” (1905). Para dar início à proposta feita será apresentado um recorte do caminho percorrido por Freud no tratamento da histeria.

Quando Freud (1987a) abandona a hipnose, passa a utilizar o método catártico no tratamento da histeria. A respeito desse método ele diz que o mesmo põe fim à representação que não foi descarregada e isso acontece quando o afeto encontra uma saída na fala. Em seguida a representação ab-reagida pela fala é submetida a uma correção associativa “(...) ao introduzi-la na consciência normal (sob hipnose leve), ou eliminá-la por sugestão do médico, como se faz no sonambulismo acompanhado de amnésia”. (Freud, [1893-1895]1987a, p.53)

Observa-se que o método catártico ainda estabelecia uma certa relação com a hipnose, porém Freud (1987a) constata a dificuldade de hipnotizar muitos pacientes. A partir daí Freud deixa completamente a hipnose e parte para a sugestão. Ele passa a utilizar a insistência com os pacientes a fim de trazer à tona as representações patogênicas. No entanto, a mera insistência não foi suficiente nos casos graves de histeria, movendo-o para outra alternativa:

“Nessas circunstâncias, valho-me em primeiro lugar de um pequeno artifício técnico. Informo ao paciente que, um momento depois, farei pressão sobre sua testa, e lhe asseguro que, enquanto a pressão durar, ele verá diante de si uma recordação sob a forma de um quadro, ou a terá em seus pensamentos sob a forma de uma idéia que lhe ocorra; e lhe peço encarecidamente que me comunique esse quadro ou idéia, quaisquer que sejam”. (Freud, [1893-1895]1987a, p.265)

O método catártico encontra dificuldades em relação a sua eficácia e Freud (1987a) enumera algumas delas. Em primeiro lugar, o método em questão não alcança as causas da histeria e, conseqüentemente, novos sintomas surgem. E em relação à histeria aguda, o método catártico tem pouca influência no quadro clínico da doença. Apesar das dificuldades apresentadas, Freud argumenta e diz:

“O método catártico não deve ser considerado sem valor pelo fato de ser sintomático, e não causal, pois a rigor a terapia causal é, via de regra, uma terapia profilática; ela faz com que cessem quaisquer efeitos adicionais do agente nocivo, mas não elimina

necessariamente os resultados que esse agente já causou”.(...) (Freud, [1893-1895]1987a, p.259)

No texto “A Psicoterapia da Histeria”, texto do qual as idéias expostas anteriormente partem, alguns pontos como a consideração das resistências, a transferência, a elaboração psíquica e a perlaboração, devem ser levados em conta. Em relação às resistências, Freud (1987a) aponta os pacientes não hipnotizáveis e a partir daí o autor questiona o valor da hipnose no tratamento catártico. A respeito da transferência, Freud comenta a necessidade de existir interesse pelo paciente por parte do médico, assim como a confiança daquele em relação a este. A elaboração psíquica é uma exigência feita ao paciente na medida em que este necessita de um certo nível de inteligência para contribuir com o processo. E, finalmente, a simbolização da representação patogênica através da linguagem – simbolização esta já presente no método catártico. As pontuações anteriores levam à seguinte conclusão: “(...) o efeito catártico ligado à ab-reação deixa de ser a mola real do tratamento”. (Laplanche e Pontalis, 1970, p.96). Diante disso Freud deixa de lado a sugestão e segue simplesmente com as associações livres dos pacientes.

No escrito “Tratamento Psíquico” Freud disserta a respeito da palavra como um dos meios que atuam sobre a alma:

(...) É que as palavras são o mediador mais importante da influência que um homem pretende exercer sobre o outro; as palavras são um bom meio de provocar modificações anímicas naquele a quem são dirigidas, e por isso já não soa enigmático afirmar que a magia das palavras pode eliminar os sintomas patológicos, sobretudo aqueles que se baseiam justamente nos estados psíquicos”.(Freud, [1905]1989, p.276)

No escrito acima destacado o autor critica a medicina dita científica por desconsiderar o anímico e partir apenas dos aspectos físicos dos seres humanos. Tratamento psíquico para Freud (1989) é aquele que parte da alma. Ele prossegue a crítica ao constatar o anímico sendo

determinado pelo físico através da medicina da época. O efeito do anímico no corpo é pouco aceito devido à aparência de pouca cientificidade que pode causar.

“(…) A relação entre o físico e o anímico (tanto nos animais como nos seres humanos) é recíproca, mas o outro lado dessa relação, o efeito do anímico no corpo, encontrou pouca aceitação aos olhos dos médicos em épocas anteriores. Eles pareciam temerosos de conceder uma certa autonomia à vida anímica, como se com isso fossem abandonar o terreno da cientificidade”. (Freud, [1905]1989, p.268)

Freud (1989) observa a existência de pacientes que, apesar de relatarem problemas de saúde, não apresentam sinais palpáveis de doença. Para isso denomina-se uma doença funcional do sistema nervoso e a partir de então houve a necessidade de levar em conta a reciprocidade entre corpo e alma. Em outras palavras, considerar também os efeitos que a alma pode causar no corpo.

A partir das colocações feitas até o presente momento, algumas considerações podem ser feitas em relação às afasias e à histeria. Na “Interpretação das Afasias” Freud parte da crítica à teoria das localizações cerebrais e no que diz respeito à histeria vai contra a cientificidade da medicina ao fragmentar corpo e psiquismo, contra determinar o psíquico pelo fisiológico.

Outro ponto importante a ser comentado é a característica funcional proposta por Freud tanto para as afasias como para a histeria. A característica funcional é responsável nas afasias pelo funcionamento global do aparelho de linguagem, um funcionamento que se opõe à relação mecânica entre o sintoma observado e o seu correspondente anatômico. Nas afasias a característica funcional põe por terra a idéia de que uma lesão cerebral acomete uma função específica, pois Freud observa sintomas afásicos também em pessoas que não sofreram lesão cerebral. Em relação à histeria, o aspecto funcional está presente no momento em que não há

uma causa física para a queixa apresentada pela paciente, pois como Freud mesmo observa, a histeria é uma doença funcional do sistema nervoso.

A linguagem aparece na “Interpretação das Afasias” como uma proposta para o funcionamento do aparelho psíquico, como um campo considerado na sua totalidade e caracterizado por transmissões e transferências. Na histeria a linguagem aparece como a possibilidade de eliminar os sintomas patológicos na medida em que, através da palavra, é possível entrar em contato com o trauma.

Para Birman (1993), a ruptura teórica de Freud com a neurologia é marcada pelo ensaio das afasias e da histeria, estando ambos diretamente relacionados, já que inauguram uma concepção de psíquico fundada na linguagem. Com isso, a contraposição entre linguagem automática e linguagem espontânea permite à Freud elaborar outra concepção de linguagem enquanto discurso, ou seja, como interlocução do sujeito com o outro. Conseqüentemente, a linguagem espontânea passa a ocupar a posição de dominância nas idéias de Freud. No entanto, essa concepção de linguagem apresentada por Freud só pôde ser concebida pela investigação da histeria.

A investigação neurológica na época em que Freud concebeu o estudo das afasias trabalhava, segundo Birman (1993), com uma concepção de linguagem que desconsiderava sua dimensão construtiva e inovadora. A ênfase era dada à linguagem automática, imitativa ou repetitiva. A linguagem, de acordo com essas idéias, fundava-se num campo experimental.

Pode-se concluir que, através da investigação da histeria e das alterações da fala (estudo sobre as afasias), Freud aponta questões para se repensar as relações entre os registros do corpo e do psiquismo. Diante disso houve uma nova relação entre o psiquismo e a consciência. A consciência foi desalojada do lugar que até então lhe era conferido.

“(…) Retomando em novas bases as relações entre os registros do corpo e do psiquismo pela mediação da problemática da linguagem, Freud estava não apenas

questionando o dualismo cartesiano entre o corpo e o psiquismo, como também colocando decisivamente em questão a identidade conceitual entre o psiquismo e a consciência”.(Birman,1993, p.51)

É fundamental para Freud representar o psiquismo segundo o modelo da linguagem. Foi a experiência teórica e clínica de escuta da histeria o que permitiu a Freud retornar à leitura de Jackson sobre a linguagem e as afasias.

“(…) O sintoma é uma palavra aparentemente sem sentido, como o sintoma afásico é uma palavra congelada em sua mobilidade semântica no seu atual contexto de uso. Então, os conceitos de trauma sexual e de sedução foram constituídos por Freud segundo o modelo jacksoniano da afasia, na medida em que a cena traumática de sedução seria o contexto originário que poderia conferir sentido ao congelamento da palavra no sintoma histérico, deslocando-se pois o discurso da histeria do registro intencional da fala para o registro automático do sintoma”.(Birman, 1993, p.67)

O caminho percorrido no presente texto apontou a construção de Freud no que diz respeito à linguagem. É necessário compreender como se dá a estruturação do psiquismo para que a experiência psicanalítica, fundada na palavra, seja possível.

Capítulo 2 - A teoria lacaniana da constituição do sujeito

2.1 Significante e significado: de Saussure a Lacan.

O momento do percurso teórico de Freud aqui colocado não possui ainda uma teoria de sujeito, porém a crítica que ele realizou da concepção vigente das afasias permitiu a posterior formação da idéia de sujeito articulada ao ser da linguagem no discurso psicanalítico. Faz-se necessário então introduzir a questão da constituição do sujeito para a psicanálise, visto que o escrito sobre as afasias dá as bases para o futuro desenvolvimento da teoria psicanalítica. Serão levantados a seguir alguns pontos que situam o sujeito para a psicanálise e, para isso, as idéias de Lacan são fundamentais. A questão do significante e do significado dará início à proposta em questão.

Lacan (1998b) diz que o psicanalista tem na fala seu instrumento, mas existe uma estrutura de linguagem para além dessa fala que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente. Ao considerar a linguagem, confia nas premissas que deram à ela um estatuto de objeto científico através da disciplina lingüística. O algoritmo significado sobre significante :

Significado

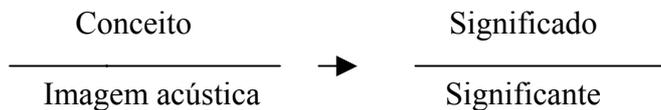
Significante

funda a lingüística moderna por meio das idéias de Saussure. Faz-se necessário citar Saussure e partir de alguns de seus conceitos para que se possa situá-los dentro da teoria lacaniana.

Para falar da natureza do signo lingüístico, Saussure critica a concepção nominalista que considera a língua como uma nomenclatura, apenas a união entre coisa e palavra. Saussure diz que essa idéia é simplista e propõe que a unidade lingüística seja constituída pela união de dois termos: um conceito e uma imagem acústica. “O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. (Saussure, [1916]2002, p. 80)

Conceito e imagem acústica estão intimamente unidos e, a respeito da imagem acústica, Saussure (2002) a caracteriza não como o som material, mas a impressão psíquica desse som. Quando se pronuncia uma palavra está embutida nela não apenas sua imagem acústica, mas também o conceito, pois as palavras remetem a conceitos. Há entre conceito e imagem acústica uma relação de associação.

Saussure (2002) mantém o termo signo como representante da unidade lingüística e substitui conceito por significado e imagem acústica por significante. A relação de um significado a um significante constitui o signo:



Lacan (1998b) inverte o esquema do signo lingüístico proposto Saussure e o coloca da seguinte maneira:



A modificação feita por Lacan quer dizer que o mesmo considera o significante e o significado como ordens distintas, separadas por uma barra referente à impossibilidade de significante e significado se colarem. Eles nunca irão se completar, pois caracterizam-se, segundo Lacan (1988), por uma relação sempre fluida e prestes a se desfazer. As coisas assim consideradas tornam possível a seguinte idéia: o que dá o significado é a articulação entre os significantes.

A noção dada por Saussure sobre a relação de união entre conceito e imagem acústica (e que viria a ser posteriormente uma relação de associação entre significado e significante) é criticada por Lacan no momento em que este sustenta o fracasso quando se considera a ilusão do significante como representante do significado, “(...) melhor dizendo: de que o significante tem que responder por sua existência a título de uma significação qualquer”. (Lacan, [1957]1998b, p.501). São as correlações entre o significante as responsáveis pela busca de significação, pois, como afirma Lacan (1998b), é na cadeia do significante que o sentido insiste, porém nenhum elemento da cadeia é responsável pela significação. O significante instala na existência a significação.

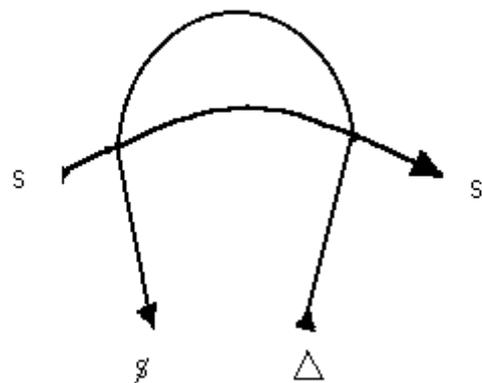
2.2 Metáfora e metonímia: a articulação do sujeito

Para romper com os limites colocados por Saussure no que diz respeito a correspondência do significante com o significado, Lacan introduz em seu seminário sobre as psicoses a noção de ponto de basta “(...) para explicar a dominância da letra na transformação dramática que o diálogo pode operar no sujeito”. (Lacan, [1957]1998b, p.506). É chamado ponto de basta o ponto em que deve ocorrer toda a análise concreta do discurso, o significante em torno do qual tudo se organiza. “(...) É o ponto de convergência que permite situar retroativa e prospectivamente tudo o que se passa nesse discurso”. (Lacan, [1955-1956]1988, p.303)

O modelo proposto por Saussure relega o significante e o significado a um eterno deslizamento um sobre o outro. “(...) Foi a propósito disso que forjei a imagem, retirada da técnica do estofador, do ponto de basta. É preciso que em algum ponto, com efeito, o tecido de um se prenda ao tecido do outro, para que saibamos a que nos atermos, pelo menos nos

limites possíveis desse deslizamento.(...)”. (Lacan, [1957-1958]1999, p.15). Dor (1989) diz que com o conceito de ponto de basta Lacan introduz uma delimitação da significação, restringindo-a ao conjunto da seqüência falada e não a unidades sucessivas, porque na elaboração de uma frase é necessário que se diga a última palavra para a compreensão da primeira.(Lacan, 1999)

Para Lacan, é através do ponto de basta que “(...) o significante detém o deslizamento da significação, de outro modo indefinido(...)”. (Lacan, [1960]1998c, p.820). O esquema proposto por Lacan mostra a seguir como o significante se associa ao significado na cadeia discursiva:



O vetor S.S' representa a cadeia significante e .\$. representa o ponto de basta. O vetor representante do ponto de basta produz um cruzamento na cadeia significante acarretando na interseção de dois pontos. Num dos pontos, Lacan (1998c) encontra o lugar do significante e

diz que este só se sustenta pela relação de oposição com os demais. O outro ponto é caracterizado pela pontuação como responsável pela significação. “Observe-se a dissimetria entre um, que é um local (mais lugar do que espaço), e o outro, que é um momento (mais escansão do que duração)”. (Lacan, [1960]1998c, p.820)

Diante das colocações feitas a respeito do ponto de basta, introduzir-se-á a metáfora e a metonímia como figuras de estilo presentes na articulação significante. Metáfora e metonímia dão sustentação ao processo de linguagem na direção paradigmática e sintagmática.

Para dar continuidade aos pontos anteriores é necessário citar, primeiramente, dois autores em que Lacan buscou alguns instrumentos para a teoria psicanalítica: Saussure e Jakobson. Em Saussure, além das colocações feitas a respeito do significante e do significado, Lacan considerou o duplo corte do sistema lingüístico.

Para Saussure (2002) o estudo da linguagem é composto por duas partes: a língua e a fala. A respeito da língua o autor diz que esta é social em sua essência e independente do indivíduo. Já a fala corresponde à parte individual da linguagem, às combinações individuais que dependem da vontade dos falantes. A língua é um conjunto de normas adotadas pelo corpo social e “(...) não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação(...)”. (Saussure, [1916]2002, p.22). As considerações anteriores trazem à tona um corte do sistema de linguagem através de dois eixos: o eixo sintagmático e o eixo paradigmático.

O eixo sintagmático caracteriza-se, segundo às idéias de Saussure (2002), pela combinação e alinhamento dos significantes, um após outro, na cadeia da fala. Porém, além dos elementos significantes inseridos no eixo já citado, existe um sistema que os governa. O eixo paradigmático é o responsável por esse sistema. Pode-se concluir que o eixo

sintagmático está ligado à fala e o eixo paradigmático à língua. O sujeito faz uma escolha lexical dentro do sistema da língua e emprega na fala a escolha feita.

A partir do caráter duplo da linguagem instituído por Saussure, cabe aqui citar Jakobson e compreender o uso feito por ele das idéias do primeiro. O objetivo é localizar as concepções de Lacan, no âmbito de Jakobson, a respeito da metáfora e da metonímia.

Jakobson fala a respeito do duplo caráter da linguagem e afirma que o ato da fala tem como consequência a seleção de certas propriedades lingüísticas, bem como sua combinação em unidades lingüísticas mais complexas. Aquele que fala “(...) seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza (...)”. (Jakobson, [1963]2001, p. 37). Com isso, o autor em questão expõe os dois modos de funcionamento da linguagem: a combinação e a seleção.

O processo de combinação significa que todo signo aparece em combinação com outros signos e esse agrupamento de unidades lingüísticas liga-se numa unidade superior. No que diz respeito ao processo de seleção, Jakobson o caracteriza como a possibilidade de substituir um termo por outro.

“Essas duas operações fornecem a cada signo lingüístico dois grupos de interpretantes, para retomar o útil conceito introduzido por Charles Sanders Peirce: duas referências servem para interpretar o signo – uma ao código e outra ao contexto, seja ele codificado ou livre, em cada um desses casos, o signo está relacionado com outro conjunto de signos lingüísticos, por uma relação de alternância no primeiro caso e de justaposição no segundo”. (Jakobson, [1963] 2001, p. 41)

É de acordo com os dois modos de funcionamento da linguagem, combinação e seleção, que Jakobson (2001) propõe a compreensão das afasias. A análise, descrição e classificação das afasias devem ser feitas através da identificação de qual das duas operações

foi afetada. Diante das considerações anteriores, Jakobson fala a respeito de dois distúrbios afásicos: distúrbio de contigüidade e distúrbio de similaridade.

O distúrbio de contigüidade caracteriza-se pelo déficit no processo de combinação com uma relativa retenção das operações de seleção e substituição. Para Jakobson, há nesse tipo de distúrbio um dano na capacidade de combinar entidades lingüísticas mais simples em unidades mais complexas. “(...) As regras sintáticas, que organizam as palavras em unidades mais altas, perdem-se; esta perda, chamada de agramatismo, tem por resultado fazer a frase degenerar num simples “monte de palavras”, para usar a imagem de Jackson”. (Jakobson, [1963]2001, p. 51)

Em relação ao distúrbio de similaridade, Jakobson (2001) diz que o déficit está no processo de seleção e substituição, permanecendo a combinação relativamente estável. O autor salienta também que quanto mais uma palavra depender de outras da mesma frase e quanto mais se relacionar com o contexto sintático, menos afetada será pelo distúrbio da fala em questão, pois neste caso a estrutura e os elos de conexão da comunicação são poupados.

Através das afasias, Jakobson (2001) constata que o desenvolvimento do discurso se ordena segundo dois tipos de operações: a metáfora (processo de seleção) e a metonímia (processo de combinação). Para Jakobson o distúrbio afásico da similaridade caracteriza-se quando o processo metafórico é prejudicado, já que a possibilidade de selecionar e substituir os termos está incompatível com as capacidades do sujeito. Em relação ao distúrbio da contigüidade, o processo metonímico está falho porque há alteração na capacidade de manter a hierarquia das unidades lingüísticas.

Cabe elucidar os objetivos de Lacan ao considerar Saussure e Jakobson. As palavras que seguem são fundamentais:

“O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação a que ele dá forma.

Nessa fórmula, que só é nossa por ser conforme tanto ao texto freudiano quanto à experiência que ele inaugurou, o termo crucial é o significante, ressuscitado da retórica antiga pela lingüística moderna, numa doutrina cujas etapas não podemos assinalar aqui, mas da qual os nomes de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson indicarão a aurora e a culminância atual, lembrando que a ciência- piloto do estruturalismo no Ocidente tem suas raízes na Rússia em que floresceu o formalismo. Genebra, 1910, e Petrogrado, 1920, dizem bem por que seu instrumento faltou a Freud. Mas essa falha da história só faz tornar mais instrutivo o fato de que os mecanismos descritos por Freud como sendo os do processo primário, onde o inconsciente encontra seu regime, abrangem exatamente as funções que essa escola toma por determinantes das vertentes mais radicais dos efeitos da linguagem, quais sejam, a metáfora e a metonímia, ou, dito de outra maneira, os efeitos de substituição e combinação do significante nas dimensões respectivamente sincrônica e diacrônica em que elas aparecem no discurso. (Lacan, [1960]1998c, p.813-14)

As colocações anteriores buscam o encontro das idéias de Freud com a estruturação da linguagem. Com isso, a teoria lacaniana postula que o inconsciente obedece às leis do significante e, conseqüentemente, aí se encontra o sujeito, o sujeito que se constitui na articulação significante. Essas idéias serão desenvolvidas a seguir para uma melhor compreensão das afirmações feitas.

A metonímia é, para Lacan (1998b), uma função própria do significante, pois é na articulação de palavra por palavra que se encontra o desenvolvimento metonímico. A função da metonímia é produzir formas de sentido. Já a respeito da metáfora, Lacan a designa pelo processo de substituição de um significante por outro e afirma que a produção do sentido lá aonde não se pode encontrá-lo é o lugar da metáfora.

A letra produz seus efeitos de verdade no homem e é essa afirmação que Lacan (1998b) diz ter se revelado a Freud no momento de sua descoberta do inconsciente. Por toda a obra de Freud, Lacan diz ter referência à linguagem: “Assim é que, na *Ciência dos Sonhos*, trata-se apenas, em todas as páginas, daquilo a que chamamos a letra do discurso, em sua textura, seus empregos e sua imanência na matéria em causa. Pois esse texto abre com sua obra a via régia para o inconsciente.(...)”. (Lacan, [1957]1998b, p.513). Freud fala do sonho, segundo as idéias de Lacan (1998b), como um enigma em imagens e para compreendê-lo é necessário considerá-lo ao pé-da-letra. Isso significa que as imagens do sonho devem ser consideradas como significantes.

A partir de agora o processo primário presente nos sonhos equipara-se ao deslizamento do significado sob o significante no discurso. Lacan (1998b) relaciona o processo de condensação à metáfora e o processo de deslocamento à metonímia. A metáfora, enquanto processo de substituição significante, relaciona-se à condensação na medida em que a mesma representa “(...) um dos modos essenciais do funcionamento do processo inconsciente – uma representação única representa por si só várias cadeias associativas em cuja interseção se encontra”. (Laplanche e Pontalis, 1970, p.129). Para Lacan (1998b), a condensação como estrutura que impõe um significante sobre o outro origina a metáfora. A associação entre significantes caracteriza a metonímia bem como o deslocamento, já que este representa o “(...) fato de a acentuação, o interesse, a intensidade de uma representação ser suscetível de se soltar para passar a outras representações originariamente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa”. (Laplanche e Pontalis, 1970, p. 16)

É no jogo significante da metáfora e da metonímia que o sujeito permanece preso às evidências impostas pela linguagem. Pois o mecanismo que determina a metáfora é o mesmo que determina o sintoma em psicanálise:

“(…) Entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significante atual passa a centelha que fixa num sintoma – metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento significante – a significação; inacessível ao sujeito consciente onde ele pode se resolver”. (Lacan, [1957]1998b, p. 522)

E o desejo, que é sempre o desejo de outra coisa está submetido à metonímia: “(…) Daí sua fixação “perversa” nas reticências da cadeia significante em que a lembrança encobridora se imobiliza, onde a imagem fascinante do fetiche se erige em estátua”. (Lacan, [1957]1998, p.522)

A função do sujeito é instituída pela linguagem. Lacan (1998b) propõe uma questão em relação ao lugar que ocupa esse sujeito: sujeito concêntrico ou excêntrico? Essa questão permite o surgimento de outra: quando o sujeito fala de si, é o mesmo que aquele de quem ele fala? Para responder às questões feitas, Lacan diz que o sujeito é aquele que se desconhece em seu dizer, é aquele que se caracteriza pelo desconhecido e irracional.

“Esse mistério de duas faces liga-se ao fato de que a verdade só é evocada dimensão de alibi pela qual todo “realismo” na criação retira da metonímia sua virtude, e ao fato de que o sentido só fornece seu acesso nos dois ramos da metáfora, quando se tem a chave única de ambos: o S e o s do algoritmo saussuriano não estão no mesmo plano, e o homem se enganaria ao se crer situado em seu eixo comum a ambos, que não está em parte alguma”. (Lacan, [1957]1998b, p.521)

2.3 A estruturação da subjetividade: do assujeitamento ao advento no Outro

Segundo Lacan (1985a), Freud revolucionou a concepção vigente do eu que vinha sendo considerado como o centro do indivíduo. O eu antes de Freud refere-se à identidades

sociais, um objeto imaginário centrado na razão. A crítica freudiana refere-se à concepção do eu como uma imagem de totalidade, controle, centro condutor.

Lacan (1998a), quando estabelece o estágio do espelho, revela a função do eu no psiquismo, bem como estabelece as bases para a dimensão simbólica. A identificação é o processo que melhor explica o estágio do espelho como o responsável pela conquista da criança no que diz respeito à imagem de seu próprio corpo. Lacan diz que o bebê humano, na idade em que é superado pelo chimpanzé, já reconhece sua imagem no espelho. O autor salienta também a situação pela qual a criança, apesar de ainda não caminhar, sustenta sua postura no intuito de resgatar sua imagem especular.

A primeira relação que a criança tem com o outro é imaginária. O principal espelho da criança é a mãe e esta nomeia os processos biológicos presentes no filho, dá significado às sensações de prazer e dor sentidas pela criança. A relação especular inicial permite que a criança possa ter uma imagem de si mesma e se identifique com seus semelhantes. Essa identificação da qual o estágio do espelho é responsável situa, para Lacan, a instância do eu através de uma identidade alienante que dá as bases para a condição do [eu], a condição de vir a ser sujeito.

“A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de infans parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito”. (Lacan, [1949]1998a, p.97)

Dor (1989) parte das idéias de Lacan e diz que o estágio do espelho é constituído por três momentos que marcam a conquista pela criança da imagem de seu corpo. Primeiramente, há uma mistura da criança com o outro, já que pelo outro aquela se vivência e se orienta. No

segundo momento do processo de identificação, a criança percebe que a imagem que vê no espelho não é de um outro real e quando, finalmente, evidencia aquela imagem como apenas uma imagem e que é a sua, encontra-se o terceiro momento desse processo.

“(…) Re-conhecendo-se através desta imagem, a criança recupera a dispersão do corpo esfacelado numa totalidade unificada, que é a representação do corpo próprio. A imagem do corpo é, portanto, estruturante para a identidade do sujeito, que através dela realiza assim sua identificação primordial”.(Dor, 1989, p.80)

Como diz Dor (1989), o estágio do espelho é sustentado pela dimensão imaginária e diante dessa afirmação a contradição se instala. Pois, ao mesmo tempo em que a fase do espelho serve de base para o [eu] ela submete o mesmo à alienação imaginária. A partir deste momento será introduzida nesta construção teórica a questão do Édipo para Lacan, visto que o complexo de Édipo é contemporâneo ao estágio do espelho. Nos três tempos do Édipo o triângulo mãe – pai – criança é estabelecido por uma relação que vai do puro assujeitamento da criança ao desejo da mãe rumo à assunção da subjetividade da mesma no momento em que o pai intervêm nessa relação.

Ao passar a fase identificatória do estágio do espelho a criança se desvincula da dependência dos cuidados da mãe e algo aí se instala. Agora, apesar de ainda haver uma relação de indiferenciação entre mãe e criança, não é do simples contato com a mãe que a criança necessita nesse momento, mas do desejo da mesma. O desejo da criança é o desejo do desejo da mãe. (Lacan, 1999)

A partir daí Lacan (1999) diz que se pode pensar na mãe enquanto ser presente no mundo simbólico, num mundo falante. Quando se considera o desejo da mãe nessa simbolização, abrem-se para a criança as possibilidades do que a mãe possa desejar de diferente, do que ela possa desejar além do filho. E nisso, também o desejo de outra coisa se

faz presente. A ordem simbólica implicada nesse para-além do desejo da mãe “(...) permite um certo acesso ao objeto de seu desejo, o qual já é um objeto tão específico, tão marcado pela necessidade instaurada pelo sistema simbólico, que é absolutamente impensável de outra maneira quanto à sua prevalência. (...)”. (Lacan, [1957-1958]1999, p.189). Esse objeto, o falo, é o objeto de desejo da mãe e, conseqüentemente, a relação da criança com o falo é estabelecida por esse motivo.

O primeiro tempo do Édipo é constituído no momento em que a criança se coloca na posição de suprir a falta da mãe, ou seja, ser o falo para a mãe. A criança coloca-se como objeto imaginário num lugar que é simbólico, pois na medida em que deseja o desejo da mãe ela “(...) antecipa a satisfação de seus desejos nos movimentos esboçados pelo outro(...)”. (Lacan, [1957- 1958]1999, p.188). Segundo Dor (1989) a criança identifica-se com o objeto de desejo da mãe estando o desejo daquela assujeitado ao desejo desta. A problemática da criança gira em torno do ser ou não ser o falo da mãe.

A intervenção do pai como possuidor da lei possibilita a entrada do segundo tempo do Édipo. O pai coloca-se na relação mãe – criança para mostrar que ele tem direitos sobre a mãe e para impedir que o filho a possua como objeto. Com relação à mãe, o pai a priva do falo que ela acredita ter sob a forma do filho. A desvinculação da criança de sua identificação é promovida pelo pai na medida em que remete esta ao fato de a mãe, como um sujeito falante, ter seu desejo dependente de outra coisa que está articulada à lei. A afirmação do pai como lei que impedirá a união mãe – filho é feita através da mãe, já que é ela que o coloca em seu discurso como aquele que lhe faz a lei. (Lacan, 1999)

“A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo. O que constitui seu caráter decisivo deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai”. (Lacan, [1957-1958]1999, p.199)

No terceiro tempo do Édipo o pai intervêm como aquele que tem o falo, e diante disso a criança abandona a rivalidade fálica e procura identificar-se com o pai. A problemática agora gira em torno de ter ou não ter o falo. Dor (1989) diz que esse terceiro tempo é marcado pela simbolização da lei na medida em que a criança pode determinar o lugar do desejo da mãe. A existência do falo tira o pai do lugar de privar a mãe do objeto de seu desejo, pois o pai considerado como aquele que supostamente tem o falo, “(...) o reinstaura no único lugar em que ele pode ser desejado pela mãe(...)”. (Dor, 1989, p.88)

Para Lacan (1999) a função do pai é fundamental no complexo de Édipo porque introduzir a questão do Édipo é também introduzir a função essencial do pai. A função do pai é colocada por Lacan não como a presença concreta do mesmo, do pai enquanto um elemento do meio ambiente ou um elemento da família. O autor diz ser possível constatar a presença do pai mesmo quando ele está ausente e afirma o estabelecimento de complexos de Édipo normais mesmo quando a criança é criada somente pela mãe.

Ao introduzir o papel do pai no complexo de Édipo, Lacan afirma que o pai é o pai simbólico, o pai é uma metáfora. E como metáfora ele é um significante que substitui um outro significante, ou seja, o significante pai substitui o primeiro significante apresentado à criança, o significante mãe. “(...) Segundo a fórmula que um dia lhes expliquei ser a da metáfora, o pai vem no lugar da mãe, S em lugar de S’, sendo S’ a mãe como já ligada a alguma coisa que era o x, ou seja, o significado na relação com a mãe”. (Lacan, [1957-1958]1999, p.180). Esse significado x representa o algo a mais que está além da relação mãe – criança, o falo.

É através do Outro que o significante pai se faz representar na cadeia significante como lei. Essa afirmação pode ser observada na medida em que na relação entre mãe e filho há um terceiro, a linguagem. Por meio da linguagem a mãe mostra à criança que existe algo além dessa relação. A mãe tem outros interesses apresentados à criança através da fala

materna. Através da linguagem a criança é introduzida no mundo simbólico e retirada da relação alienante com a mãe. É a metáfora paterna que permite à criança o acesso à dimensão simbólica, produzindo assim uma nova alienação, a alienação na linguagem.

A castração é a introdução da criança no mundo da linguagem, produzindo assim a falta em ser aquilo que a mãe deseja – o falo. “Pode-se dizer que se há falo é porque há castração e vice-versa”.(Scotti, 1998, p.39)

O objeto fálico é o ponto central do complexo de Édipo e da castração. Em torno dele se mobiliza a questão da metáfora paterna. De acordo com Dor (1989) o falo refere-se ao pai na medida em que representa a mediação entre criança e mãe. Essa afirmação Dor diz poder constatar na obra de Freud, já que este atribui ao falo uma função simbólica e jamais o fato de ter ou não o pênis.

Segundo as idéias de Dor (1989), para Freud a genitalidade infantil organiza-se por um único órgão genital, o masculino. Com isso Freud demonstra desconsiderar a realidade anatômica do órgão e levar em conta a representação subjetiva que a falta do órgão (“a falta de pênis”) pode acarretar. As colocações de Freud, ainda nas palavras de Dor, situam primeiramente a idéia de falta como a causadora do objeto fálico e a partir disso supõe-se o registro imaginário como um lugar possível àquilo que falta.

O falo enquanto objeto imaginário representa a falta suposta do “pênis”, falta esta que a criança procura suprir ao buscar satisfazer-se e satisfazer a mãe. Porém, com a interferência do pai a criança advém no simbólico e a falta imaginária do “pênis” passa a ser uma falta simbólica, um objeto de desejo. A linguagem impede a união mãe – criança e a partir dessa castração o desejo é instalado – desejo de suprir uma falta estabelecida e nunca satisfeita. A relação entre castração e falo está justamente no fato de que a linguagem institui o desejo. A linguagem impede a completude e, por conseqüência, o sujeito deseja e vai em busca de objetos substitutos.

A lei da linguagem impede a criança de se submeter unicamente ao desejo da mãe para que aquela possa ir em busca de seu próprio desejo. No entanto, a criança depende do desejo da mãe para se constituir como sujeito. “(...) A criança revela depender do desejo da mãe, da primeira simbolização da mãe como tal, e de nada mais”. (Lacan, 1999, p.188)

É do Outro que se fala na construção deste texto, o grande Outro como o representante do lugar onde se situa a cadeia significante, cadeia esta responsável por tudo o que diz respeito ao sujeito. O sujeito é um efeito do significante e de sua estrutura tudo pode advir. (Lacan, 1985b)

Entre o sujeito e o Outro, Lacan (1985b) diz articular-se processos de forma circular, pois o Outro chama o sujeito e é onde este vê a si mesmo. É no sujeito que o Outro retorna, é no Outro que o sujeito se constitui e esse é o sujeito do inconsciente, pois está sob o significante à mercê de suas redes e suas cadeias.

Há duas operações as quais Lacan (1985b) afirma ocorrer na relação do sujeito com o Outro: alienação e separação. A alienação é a operação primeira donde se funda o sujeito, ela condena o sujeito a só aparecer na divisão do seu dizer, na divisão entre sentido e não-sentido. A alienação do sujeito no Outro tem como consequência o fato de a interpretação ter como objetivo “(...) reduzir os significantes a seu não – senso, para que possam reencontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito”. (Lacan, [1964]1985b, p.201)

A segunda operação, a separação, caracteriza-se pelo término da relação circular entre sujeito e Outro. Quando o Outro retorna no sujeito o ciclo se fecha. A partir da alienação do sujeito no Outro Lacan (1985b) coloca a questão: como o sujeito terá que se procurar? O sujeito se encontrará, se produzirá no desejo, no desejo do Outro, nas faltas do discurso do Outro. Ao alienar-se na divisão de seu dizer o sujeito advém na medida em que apreende no Outro o não-sentido, “(...) o sujeito traz a resposta da falta antecedente de seu próprio

desaparecimento, que ele vem aqui situar no ponto da falta percebida no Outro.(...)”(Lacan, [1964]1985b, p.203)

Para Lacan (1998d) o sujeito é aquele que não detém a si mesmo (“existo onde não penso”) e o Outro apresenta-se como o lugar da fala verdadeira. O inconsciente está entre eles como um corte, o corte através do qual se fundam as duas operações mencionadas anteriormente, formuladas como a causação do sujeito. Na alienação o sujeito se desconhece em seu dizer, já na separação reencontra no desejo do Outro o que ele é, o sujeito do inconsciente.

A teoria lacaniana da constituição do sujeito traz à tona o que há de fundamental para a psicanálise, a linguagem. Por meio da linguagem o ser humano se constitui, estrutura suas imagens e dá significação às experiências. Pensar em subjetividade dentro da teoria psicanalítica é referenciá-la ao simbólico e ao inconsciente.

Neste capítulo dedicado às idéias lacanianas buscou-se levantar alguns pontos da teoria para dar sustentação à compreensão das afasias. Inicialmente foi abordada a questão do significante e do significado como o ponto de partida para a compreensão de Lacan a respeito do funcionamento da linguagem. Essa compreensão é fundamental para instituir a primazia do significante, dentro do qual articulam-se os processos metafóricos e metonímicos. São os pressupostos das idéias anteriores que permitiram a Lacan considerar o inconsciente estruturado como uma linguagem e o sujeito referenciado como sujeito, apenas por estar submetido ao significante. Em seguida procurou-se situar esse sujeito dentro do mundo simbólico a fim de traçar alguns caminhos que o fizeram ser quem é: de início assujeitado ao eu para poder vir a ser sujeito do inconsciente.

Ao considerar o percurso teórico traçado cabe levar em conta o discurso deficiente – as afasias. É dentro da perspectiva aqui colocada que se considera o sujeito afásico, um sujeito

do qual o discurso é falho e ao mesmo tempo bem sucedido como se verá no capítulo de análise.

Capítulo 3 - O Discurso em Questão

3.1 A análise do Discurso

O presente capítulo tem como objetivo demonstrar como esta pesquisa foi realizada, indicando o tipo de recurso metodológico utilizado. O método de uma pesquisa é um meio, um veículo, um instrumento que aproxima o pesquisador de seus questionamentos e isso significa que esse método deve ser compatível com o tema, com o problema e com a pergunta que uma tese pretende responder.

Esta pesquisa percorreu um longo caminho, com algumas dificuldades e descobertas. Cabe aqui explicitar esse caminho para que se possa compreender todo o processo envolvido na construção de uma dissertação. Inicialmente questionou-se a relação da psicanálise com as afasias, isto é, se a linguagem é o ponto de partida para a psicanálise, como esta considera a dificuldade ou impossibilidade de falar (afasia)?

O primeiro questionamento levantado logo apresentou desdobramentos que se direcionaram ao sujeito afásico. A partir de então, o caminho escolhido foi encontrar uma forma possível de responder aos questionamentos levantados.

A análise do discurso, instrumento metodológico apresentado pela lingüística, surgiu como uma das possibilidades que aproximariam esta pesquisa de seus objetivos. O primeiro passo tomado a partir das decisões acima colocadas foi cursar a disciplina de Análise do Discurso no Programa de Pós- graduação em Lingüística. Esse curso deu novos rumos à pesquisa e permitiu construir uma reflexão entre análise do discurso e psicanálise.

Há muitas maneiras de significar a linguagem e, diante disso, a análise do discurso encontra-se como uma dessas maneiras, especificando suas concepções a partir dos conceitos de discurso, linguagem e sujeito. De acordo com Orlandi (2001), a linguagem é concebida como mediação entre o homem e o meio natural e social. Essa mediação, que é o próprio discurso, permite a transformação do homem e da realidade em que vive. A palavra discurso representa a idéia de movimento, palavra em movimento, prática de linguagem.

O estudo do discurso procura compreender o sentido dentro do tempo e do espaço das práticas do homem. Procura trabalhar com a língua não como um sistema abstrato, mas como presente no mundo através de maneiras de significar.

Como diz Orlandi (2001), nos anos 60 a análise do discurso se constituiu pela relação entre três abordagens: a lingüística, o marxismo e a psicanálise. No que diz respeito à lingüística, a análise do discurso considerou a não-transparência da linguagem, já que procura mostrar que a relação linguagem/ pensamento/ mundo não é unívoca, não se passa diretamente de um termo a outro. Do materialismo histórico a análise do discurso considera a concepção de que o homem, ao mesmo tempo em que faz a história, esta não lhe é transparente. A combinação de língua com história na produção de sentidos faz com que a análise do discurso trabalhe com o a chamada forma material, portanto lingüístico-histórica. “Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história”.(Orlandi, 2001, p.19)

A contribuição da psicanálise para a análise do discurso refere-se à concepção de sujeito, do deslocamento da noção de homem para sujeito – enquanto constituído na relação com o simbólico na história.

Para a análise do discurso, como afirma Orlandi (2001), a língua tem sua ordem própria, mas é só relativamente autônoma. O real da história é afetado pelo simbólico, assim como o sujeito é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como é afetado. O sujeito do discurso funciona pelo inconsciente e pela ideologia. A partir do encontro dos campos de conhecimento já referidos, a análise do discurso constitui um novo objeto: o discurso.

Para Orlandi (2001), o funcionamento da linguagem tem como base a tensão entre processos parafrásicos e polissêmicos. A paráfrase é o retorno aos mesmos espaços do dizer (diferentes formulações do mesmo dizer). É considerada a matriz do sentido, porque não há sentido sem repetição. Já a polissemia significa a ruptura de processos de significação, sendo assim considerada a fonte da linguagem, a condição de existência dos discursos e, conseqüentemente, daquilo que é novo. O discurso se faz na tensão entre processos parafrásicos e polissêmicos, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer. É por meio desse movimento que os sujeitos e os sentidos se significam.

Orlandi (2001) propõe pensar o discurso não enquanto mensagem, mas enquanto efeito de sentidos entre locutores. O objetivo é pensar o funcionamento da linguagem que considera a relação de sujeitos e sentidos, pois a linguagem só existe por fazer sentido e só faz sentido por estar inscrita na história. Por falar em sentido, Orlandi (2001) o define como algo em “relação a”. A análise do discurso procura compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos e como esses objetos estão investidos de significância para e por sujeitos.

Ao compreender a produção de sentidos explicita-se a interpretação como gesto que relaciona sujeito e sentido. A análise do discurso considera a interpretação em relação aos seus limites, seus mecanismos como parte do processo de significação. A interpretação enquanto dispositivo teórico procura destacar os processos de significação presentes no texto e permite que se possa escutar outros sentidos que ali estão, compreendendo como se constituem.

“(…) Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta através do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender”.(Orlandi, 2001, p.26)

A análise de discurso, segundo as idéias de Orlandi (2001), permite a compreensão de que a relação com a linguagem não é inocente, porque não há evidências ou transparências. A análise do discurso trabalha com o não dito.

Orlandi (2001) estabelece pontos muito importantes com relação ao dispositivo de análise e afirma que esse é algo que se constrói, não estando pronto ou pré-determinado. Uma análise do discurso não é igual a outra, pois o pesquisador (analista), baseado em seu material, mobilizará conceitos que estejam de acordo com a questão formulada em sua pesquisa. Para Orlandi (2001) a questão formulada pelo pesquisador em seu trabalho, a natureza do material em questão e a finalidade de sua análise são responsáveis pela forma do dispositivo analítico.

“Gostaríamos de acrescentar que como a pergunta é de responsabilidade do pesquisador, é essa responsabilidade que organiza sua relação com o discurso, levando-o à construção de “seu” dispositivo analítico, optando pela mobilização desses ou aqueles conceitos, esse ou aquele procedimento, com os quais ele se compromete na resolução de sua questão. Portanto, sua prática de leitura, seu trabalho com a interpretação, tem a forma de seu dispositivo analítico”.(Orlandi, 2001, p.27)

O dispositivo de análise construído pelo pesquisador deve ser capaz de colocar o dito em relação ao não dito, pois esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, da manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos.

A base para a análise deve começar pela constituição do corpus. Em suma, construir montagens discursivas que estejam relacionadas com os princípios teóricos da análise de discurso, bem como com os objetivos de análise do pesquisador. Portanto, a análise tem início pelo corpus, organizando-se frente à natureza do material e à pergunta que o organiza.

Orlandi (2001) expõe o conceito de historicidade para se referir ao texto enquanto materialidade. A historicidade é o texto considerado como discurso, o trabalho dos sentidos.

“O texto, referido à discursividade, é o vestígio mais importante dessa materialidade, funcionando como unidade de análise. Unidade se estabelece, pela historicidade, como unidade de sentido em relação à situação”.(Orlandi, 2001, p.68)

Pode-se perguntar, afinal, que tipo de material, de dado lingüístico pode ser utilizado na análise do discurso. Percebe-se então que de acordo com o que Orlandi(2001) diz, existem práticas discursivas de diferentes naturezas, como a imagem, o som e a letra. No entanto, esses materiais são peças de linguagem, tipos de discurso. O que interessa à análise de discurso não é o texto em si como produto final, mas como unidade que permite ter acesso ao discurso. O essencial é a compreensão dos processos de produção dos sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições.

“Se o texto é unidade de análise, só pode sê-lo porque representa uma contrapartida à unidade teórica, o discurso, definido como efeito de sentido entre locutores. O texto é texto porque significa. Então, para a análise de discurso, o que interessa não é a organização lingüística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significante do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: lingüístico-histórica”.(Orlandi, 2001, p.69)

Para Orlandi (2001), o texto analisado pode ser desde uma letra até muitas frases, enunciados ou páginas, pois a extensão não o define. O que se deseja delimitar em relação ao texto são os objetivos da análise e a sua temática, para que assim ocorram considerações teóricas relevantes.

3.2 Uma reflexão entre análise do discurso e psicanálise

Até o presente momento foram apresentados os pontos teóricos principais da análise do discurso. A partir de agora é preciso dar espaço à reflexão entre análise do discurso e

psicanálise para que se possa estabelecer os pontos de convergência e divergência entre os campos do conhecimento acima citados, ou melhor, perceber até que ponto a psicanálise constitui a análise do discurso.

Para Souza (1997) a psicanálise contribui com a análise do discurso na medida em que possibilita a esta uma teoria do sujeito situada fora da concepção cartesiana ou idealista. As idéias de Althusser em relação à teoria lacaniana apresentam-se como uma das possibilidades de introduzir a psicanálise na análise do discurso e isso é feito através do texto “Freud e Lacan” (1964-65) apresentado por Althusser. A abordagem do texto de Althusser é valorizada posteriormente em “Semântica e Discurso” (1975), texto apresentado por Pêcheux.

Souza (1997) pretende realizar uma crítica ao caminho de incorporação da psicanálise na análise do discurso, e com isso inicia sua crítica ao dizer que Althusser e Pêcheux fazem uma leitura de Lacan numa fase em que este propõe-se a uma revisão. O sujeito da psicanálise é considerado pela análise do discurso, segundo Souza (1997), de maneira parcial. Esse sujeito é parcial em relação ao sujeito do inconsciente, pois está pouco atento ao conceito de desejo e à dimensão pulsional.

Althusser em seu texto “Freud e Lacan” empreende mais um ato político do que a introdução à leitura de Lacan. Souza acrescenta:

“As circunstâncias de publicação deste artigo não são negligenciáveis. Althusser mesmo, na nota preliminar ao artigo, adverte que é preciso atravessar o “imenso espaço de preconceitos ideológicos que nos separa de Freud”. O leitor suposto, isto é claro, são os marxistas franceses que já haviam denunciado a psicanálise como uma “ideologia reacionária”.

Althusser quer resgatar para este grupo a descoberta revolucionária de Freud para além dos reducionismos do qual ela se torna objeto”. (Souza, 1997, p.91)

Tanto Freud como Lacan rompem com o idealismo, com a idéia de homem centrado e consciente de si mesmo. É com base nisso que Althusser busca inspiração para a teoria marxista. É também com base na afirmação lacaniana do inconsciente estruturado como linguagem que Althusser procura se afastar das concepções filosófico - idealistas do sujeito: “Há algo que fala em outro lugar (ça parle) e é isto que parece interessar Althusser”. (Souza, 1997, p.92)

Outro ponto levantado por Souza a respeito da concepção de Althusser sobre a psicanálise refere-se ao fato deste unir ordem simbólica, linguagem, cultura e ideologia. Ao considerar o processo de subjetivação proposto por Lacan através da primazia da ordem simbólica, Althusser identifica linguagem com a ordem da lei e do direito/lei da cultura e isso se dá, por exemplo, quando o autor considera a relação entre mãe e criança proposta pela psicanálise como pura transmissão cultural.

A transmissão cultural para Althusser, segundo as palavras de Souza, é responsável por estabelecer as formações ideológicas. Pêcheux, ao defender a não transparência da linguagem, quer com isso dizer que o sentido das palavras e dos enunciados depende das formações ideológicas. Para Souza, Pêcheux afirma que “(...) o sentido de uma palavra, expressão ou proposição é determinada pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual são produzidas ou reproduzidas”(...). (Souza, 1997, p.96). Souza prossegue e diz que as formações ideológicas são responsáveis pela dissimulação do dizer: “Pêcheux conclui que é a ideologia que interpela os indivíduos em sujeitos do seu discurso através das formações ideológicas”. (Souza, 1997, p.96)

Pêcheux compara a estrutura de funcionamento da ideologia com o inconsciente. Porém, ao partir da posição ideológica, a análise do discurso considera que o indivíduo se faz sujeito dos mecanismos histórico-ideológicos que o antecedem e fazem com que este tenha a ilusão de que o que diz é de sua própria autoria. “(...) Ou ainda, a identidade com a qual o eu

se reconhece é calcada sobre o desconhecimento de sua condição de assujeitamento”. (Souza, 1997, p.97). Souza salienta que para a psicanálise o sujeito não é indivíduo, pois o eu que fala é falado através de um lugar de desconhecimento, o inconsciente. A relação feita entre inconsciente e ideologia permitiu à análise do discurso fugir dos princípios da lógica clássica, a qual é responsável pelos pressupostos de não contradição.

“O sujeito para a AD não é o indivíduo livre pensante pois é histórica e ideologicamente determinado apesar de si mesmo. Mas, para a AD parece apenas interessar a concepção psicanalítica de sujeito enquanto este é tomado integralmente pelo campo do Outro (Ordem Simbólica; Cultura).”(…). (Souza, 1997, p.98)

Souza (1997) ainda coloca que há interseção entre análise do discurso e psicanálise, porém ela é limitada. Tanto a análise do discurso como a psicanálise coincidem em relação ao fato dos enunciados revelarem heterogeneidade, porém o sujeito histórica e ideologicamente determinado não é compatível com a psicanálise.

De acordo com os objetivos deste texto de produzir uma reflexão entre análise do discurso e psicanálise, pode-se perceber que essa reflexão se estabelece por alguns pontos: a constituição do sujeito pela linguagem, a relação com a linguagem não é inocente, a relação entre inconsciente e ideologia através da frase “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”. No que diz respeito à constituição do sujeito pela linguagem, tanto para a análise do discurso quanto para a psicanálise, não há sujeito antes, mas apenas na instância do dizer. Quando se diz que a relação com a linguagem não é inocente significa dizer que psicanálise e análise do discurso consideram o não dito, o engano, o irracional, o desconhecido como formas de produzir sentidos.

No que diz respeito à relação estabelecida pela análise do discurso entre ideologia e inconsciente, pode-se dizer que o conceito de ideologia como produtora da ilusão de

transparência da linguagem, produtora de evidências que colocam o homem na relação imaginária, suscita alguns questionamentos. Principalmente quando se diz que através da interpelação ideológica o indivíduo torna-se sujeito e, mais ainda, que o sujeito interpelado pela ideologia é o sujeito do inconsciente.

A questão colocada refere-se ao fato de o indivíduo para a psicanálise representar o ser imaginário, um eu que desempenha papéis sociais. Já o sujeito é o sujeito do inconsciente, aquele que comete enganos e se contradiz. Como comparar o inconsciente à ideologia se esta coloca o homem no imaginário? “Um problema surge, de imediato, em relação à teoria da interpelação: como o indivíduo humano reconhece e responde ao “chamamento” que faz dele um sujeito, se ainda não é sujeito?”.(Teixeira, 2000, p.76)

De acordo com Teixeira (2000), Pêcheux utiliza da teoria de Lacan aquilo que o aproxima de Althusser e faz uma leitura que desarticula as categorias lacanianas do simbólico, do real e do imaginário. Categorias essas que representam um nó que estrutura o sujeito. A autora em questão diz que para Althusser o homem se constitui como sujeito através de sua natureza ilusória baseada na concepção lacaniana de imaginário, o que resulta numa incorporação do conceito de “espelho” ao conceito de ideologia. Althusser considera apenas o registro do imaginário na constituição do sujeito; no entanto, a relação do homem com o mundo necessita de uma estrutura simbólica. “A ordem simbólica, portanto, é que irá mediatizar a relação do sujeito com o real, enlaçando para o sujeito o imaginário e o real”. (Dor apud Teixeira, 2000, p.77).

Teixeira (2000) leva em conta as condições desejantes do sujeito, sua indeterminação e capacidade de no retorno ao simbólico fazer um rearranjo de suas sobredeterminações, modificando a situação já dada. A autora diz também que a necessidade de Pêcheux de reconfigurar suas elaborações teóricas e práticas está relacionada à desconsideração da dinâmica pulsional do sujeito, que está na base da teoria psicanalítica. “A consideração de que

o atravessamento da AD se dá por um sujeito em falta, (...), tem outros desdobramentos importantes para a AD, obrigando-a a rever seu próprio quadro teórico e seus procedimentos de análise”. (Teixeira, 2000, p. 93)

Pode-se perceber até que ponto a psicanálise faz parte da análise do discurso – e esse ponto está nos questionamentos que este texto propõe à ambas. Quanto à análise do discurso, as considerações já foram feitas. Porém, quanto à psicanálise, considera-se que a teorização da análise do discurso supõe o sujeito do inconsciente da psicanálise.

A partir desta reflexão sobre análise do discurso e psicanálise, foram analisados dois casos clínicos de pacientes afásicos apresentados no livro de Maria Irma Hadler Coudry: “Diário de Narciso: discurso e afasia – análise discursiva de interlocução com afásicos”. Considerou-se na análise dos discursos aqui empreendidos um sujeito que está constituído pela sua indeterminação, um sujeito constituído por falta e palavras, um sujeito dividido pela ordem significante na medida em que se desconhece em seu dizer, um sujeito que é efeito da linguagem. É nesse sentido que as idéias de Teixeira (2000) são consideradas.

O caminho até aqui percorrido possibilitou uma questão norteadora para a presente pesquisa: como, a partir da análise da fala de afásicos, podemos encontrar a confirmação de que a subjetividade decorre de uma articulação significante e como essa dimensão do sujeito, no caso dos afásicos, pode ser recuperada através do manejo deste discurso na situação terapêutica? De acordo com a questão anterior, alguns objetivos puderam ser traçados com relação a análise do discurso de afásicos aqui proposta .

O primeiro desses objetivos visa uma leitura psicanalítica do processo interacional proposto por Coudry na reconstrução da fala de afásicos. Em seguida procurou-se, através da análise do discurso de afásicos, compreender as afasias segundo os processos metafóricos e metonímicos. Encontrar uma dimensão subjetiva, um sujeito que, não sendo radicalmente nem o sujeito gramatical e nem o sujeito do desejo inconsciente, aponta para a dimensão

subjetiva produzida pela articulação significante, este é um outro objetivo da análise. E, finalmente, há a intenção de demonstrar por meio da análise do discurso um certo grau de indeterminação dessa subjetividade pela linguagem que sugere a noção de sujeito do inconsciente.

A discussão proposta anteriormente esclarece o viés tomado entre análise do discurso e psicanálise, porém faz-se necessário situar a maneira pela qual a pergunta de pesquisa e os objetivos dela decorrentes nortearam a análise e demonstrar como essa análise foi feita. Para dar início à proposta anterior é necessário expor o ponto de partida para a análise em questão: a concepção de Coudry sobre afasia, linguagem e reconstrução da linguagem com afásicos.

3.3 Pesquisa, avaliação e reconstrução da linguagem com afásicos

O conteúdo que será apresentado refere-se à pesquisa realizada por Coudry (1996) em sua tese de doutorado no Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Nesse estudo Coudry, em sua prática clínica com sujeitos afásicos, analisa episódios dialógicos no acompanhamento de dois sujeitos afásicos denominados como P e N: “(...) analisarei as produções lingüísticas que neles ocorrem fazendo aparecerem suas dificuldades e processos de reconstrução da linguagem”. (Coudry, 1996, p.73). Coudry parte de um referencial sócio – interacionista.

A seguir será apresentado um breve histórico dos casos apresentados por Coudry e retomados nesta pesquisa. Segundo Coudry (1996), P foi encaminhado ao Serviço de Neurologia e Neurocirurgia Dr. Nubor Facure (Campinas/SP) em outubro de 1981 com diagnóstico de aneurisma e submetido à cirurgia. No período de março de 1982 até dezembro de 1983 foi acompanhado por um fonoaudiólogo e posteriormente encaminhado para o

serviço de avaliação de linguagem do qual Coudry fazia parte. P foi acompanhado por ela durante dois anos e quatro meses. O sujeito em questão nasceu em 1935, é funcionário público e solteiro. Em relação ao sujeito N, este nasceu em 1923, italiano, radicado no Brasil desde 1947. O diagnóstico do sujeito em questão refere-se a um Acidente Vascular Cerebral hemorrágico. Foi encaminhado ao serviço de avaliação de linguagem em 1983 e acompanhado até 1985.

Coudry (1996) diz que um sujeito é afásico quando apresenta alterações de processos lingüísticos relacionados à significação de origem articulatória e discursiva produzidas por lesão adquirida no sistema nervoso central. O funcionamento de sua linguagem dispensa determinados recursos de produção ou interpretação.

O objeto de interesse da autora em questão está na prática pela qual o afásico reconstitui sua linguagem ao mesmo tempo em que se reconstitui como sujeito. O foco está no sujeito que já exerceu plenamente sua linguagem, mas que a partir da afasia apresenta um processo difícil de reintegração pessoal e social.

A linguagem é concebida por Coudry (1996) como uma atividade, uma ação que envolve um trabalho histórico e social. A linguagem se realiza como um processo dialético pela relação de um “eu” e um “tu”, produzindo assim o discurso.

Assim como Freud, Coudry (1996) faz uma crítica aos métodos tradicionais de avaliação e tratamento das afasias. Esses métodos tomam a linguagem como objeto de observação e descrição, apresentando-se descontextualizados por não levarem em conta o sujeito. Segundo a autora os testes servem para classificações tipológicas, porém essa classificação não assegura a explicação do fenômeno descrito, bem como não possibilita a compreensão dos processos envolvidos.

Coudry (1996) propõe a epilinguagem como a atividade do sujeito que opera sobre a linguagem. Através da interlocução e de processos discursivos contextualizados o sujeito afásico explora recursos de sua linguagem e reutiliza elementos na construção de novos objetos lingüísticos.

De acordo com Coudry (1996), o afasiologista Hughlings Jackson introduziu a distinção entre tarefas contextualizadas e descontextualizadas nos estudos da afasia. Jackson observou que alguns pacientes conseguem apenas utilizar as palavras que lhes foram solicitadas em um contexto involuntário. Assim, Jackson mais do que olhar para a localização dos distúrbios fásicos, preocupou-se em descrever diferentes níveis da organização da linguagem ou processos mentais no cérebro em que os pacientes falham. “Esses processos dizem respeito à “re-presentação” ou mesmo “re-re-presentação” em diferentes níveis do cérebro”. (Luria apud Coudry, 1996, p.10)

A partir da força criadora e constitutiva da linguagem que dá forma às experiências e de uma concepção de sujeito que age e sofre as conseqüências da língua, Coudry (1996) irá propor sua prática com sujeitos afásicos. “(...) O sujeito é sempre incompleto, imaturo, e ao mesmo tempo múltiplo: ao mesmo tempo social, histórico, psicológico e psicanalítico, biológico, lingüístico. Todos esses aspectos convivem no sujeito apesar da especificidade de cada um”.(Coudry, 1996, p. 67)

O que importa para Coudry (1996) é interpretar os erros e faltas do afásico como uma ruptura do componente interacional e social onde as formas lingüísticas se constituem. É necessário reconstruir no sujeito o aspecto interpessoal para que possa voltar a jogar o jogo da linguagem. Para tanto, a autora propõe um conjunto de estratégias práticas que possam reproduzir as condições cotidianas da vida do sujeito afásico.

Na construção das estratégias de avaliação e reconstrução da linguagem do afásico, Coudry (1996) coloca-se frente a uma teoria do discurso. Fala, então, na análise do discurso

como uma prática interpessoal, contextualizada, de ação intencional e recíproca que visa estudar a constituição do sujeito na linguagem

Considerou também na construção desse processo a cumplicidade entre pesquisador e afásico, porque é nessa interação que o sujeito reconstruirá sua linguagem: “(...) conhecê-lo melhor é basicamente uma condição para poder interagir com ele e com ele buscar soluções, seja para as dificuldades lingüísticas, seja para as dificuldades causadas por seu desempenho lingüístico diferenciado”. (Coudry, 1996, p. 81)

Com base nessas idéias Coudry estrutura os procedimentos avaliativos que mostram as dificuldades lingüísticas do afásico, bem como dão subsídios para que o mesmo encontre recursos para superar suas dificuldades. A construção e reconstrução de objetos lingüísticos deve se dar na perspectiva do discurso, na situação dialógica.

O procedimento avaliativo no acompanhamento clínico de sujeitos afásicos contou com a agenda, álbum de retratos, caderno de atividades, fatos e atividades de interesse pessoal do sujeito afásico e interação com a família.

Na agenda constam dados do sujeito que permitem a construção de um enredo de episódios dialógicos. Já o álbum de retratos dá condições ao sujeito de ser predominantemente o locutor, de dar direção à palavra. No caderno de atividades o sujeito produz objetos de seu interesse e, assim, fornece novas pistas ao investigador. Os fatos e atividades de interesse pessoal do sujeito afásico permitem a ocorrência de certos acontecimentos em sua vida, cuja importância faz com que se desencadeiem atividades discursivas e temas de conversação.

No que diz respeito à família, Coudry (1996) considera fundamental saber qual o papel do afásico antes e depois de seu acidente neurológico. A família é o lugar mais apropriado para que o sujeito se reconstrua e é necessário que a mesma esteja consciente de seu papel

estruturante na reconstrução não somente da linguagem do afásico, mas das relações sociais e afetivas condicionantes da reconstituição do sujeito.

A interação com a família como uma das estratégias de avaliação e reconstrução de objetos lingüísticos no afásico conta com a presença contínua de um membro desta nas sessões clínicas do sujeito em questão. O objetivo dessa estratégia é garantir junto à família a continuidade dos procedimentos e atitudes estabelecidos no ambiente clínico. Todavia, um acompanhamento mais direto também é feito com visitas do pesquisador à casa do afásico com a intenção de fazer o acompanhamento do sujeito ultrapassar o limite e as restrições das sessões semanais, estendendo-se para sua vida.

Pode-se concluir que Coudry (1996) considera a avaliação e a prática terapêutica com sujeitos afásicos dois componentes de um mesmo processo, um processo que tem como objetivo a reconstrução da linguagem e do afásico como sujeito. Não importa a descrição de sintomas com a respectiva caracterização do tipo de afasia, mas sim o que se deve levar em conta é o sujeito. “(...)Sujeito e construção da significação constituem o ponto de partida para a elaboração das estratégias avaliativas e clínicas com que enfrento o acompanhamento terapêutico”. (Coudry, 1996, p. 194)

É pela produção conjunta (locutor e interlocutor) da linguagem que se pode elaborar as condições de restituição pessoal e social do sujeito afásico, pois o indivíduo torna-se sujeito na medida em que se enuncia.

3.4 A construção do corpus

Feitas as devidas colocações a respeito dos pressupostos que conduzem a prática clínica e investigativa de Coudry em relação às afasias, a partir deste momento serão expostos os caminhos trilhados na retomada dos casos de Coudry nesta dissertação. O primeiro passo

dados foi fazer uma leitura dos casos P e N apresentados por Coudry e aqui analisá-los a partir da psicanálise.

A teoria psicanalítica permitiu levantar algumas questões com base nas constatações de Coudry. Na verdade, o que se fez foi partir do dito para aquilo que ainda se poderia dizer, dar uma nova interpretação. As questões levantadas através da psicanálise são: em primeiro lugar observou-se que os casos dos afásicos P e N desenvolveram-se segundo os processos metafóricos e metonímicos. No caso do afásico P se mantém um desenvolvimento metafórico de sua linguagem e, por outro lado, esse sujeito é acometido por um distúrbio afásico da contigüidade. Já em relação ao sujeito N, os processos metonímicos estão preservados em sua linguagem, enquanto que o distúrbio da similaridade é o que melhor caracteriza o déficit afásico apresentado por ele.

Um segundo ponto levantado na análise em questão foi a constatação dos indícios dados pelos sujeitos (P e N) de suas intenções. Apesar das dificuldades presentes na fala desses sujeitos, eles revelam que suas escolhas lingüísticas não ocorrem de forma aleatória. A intenção na fala de P e N revela articulação significativa e, conseqüentemente, um sujeito da enunciação.

A reconstrução da linguagem do afásico como um processo que deve ser levado em conjunto com a interlocutora é outro ponto levantado por Coudry e considerado nesta análise. Esse processo interacional, levantado pela autora anteriormente citada, foi analisado pela perspectiva psicanalítica no que diz respeito aos conceitos de pequeno e grande Outro.

A partir das considerações anteriores, demonstra-se que o corpus da análise realizada neste trabalho foi construído na medida em que a leitura dos diálogos entre os afásicos P e N com Coudry suscitava questões que poderiam encontrar uma nova interpretação a partir da teoria psicanalítica. Dos 112 diálogos apresentados pela autora, foram selecionados 14 para esta análise e os critérios utilizados para a escolha em questão relacionam-se aos objetivos

desta dissertação, bem como ao fato de que para um mesmo aspecto teórico desenvolvido por Coudry, esta utiliza vários exemplos de diálogos.

Considerou-se na análise dos discursos presentes neste trabalho algumas concepções de Orlandi já apresentadas no início deste capítulo. A primeira idéia considerada é a respeito do discurso enquanto palavra em movimento, bem como a idéia de que o discurso se faz na tensão entre o já dito e o a se dizer, e é dessa tensão que os sujeitos e os sentidos se significam. A interpretação é outro fator considerado por Orlandi e reiterado nesta análise como um dispositivo teórico que destaca outros sentidos presentes no texto. Orlandi destaca que o dispositivo de análise deve estar de acordo com a questão formulada pelo pesquisador, bem como com os objetivos de sua análise, e é de acordo com isso que se procurou construir o corpus de análise.

As colocações acima situam alguns aspectos dos pressupostos de Orlandi considerados nos discursos analisados, porém cabe mencionar novamente a discussão já feita entre análise do discurso e psicanálise. Com essa discussão pretendeu-se considerar o sujeito pressuposto no discurso como constituído por falta e palavras, um sujeito dividido e efeito de linguagem.

Capítulo 4 - Afasia: o sujeito como efeito da articulação significante

4.1 As afasias segundo Lacan

No presente capítulo serão analisados os discursos de sujeitos afásicos, discursos estes obtidos da prática clínica e investigativa de Coudry com esses sujeitos. A análise dos

discursos em questão é norteadada pela teoria psicanalítica e, mais especificamente, pelos pressupostos freudo-lacanianos. Será exposta a seguir a concepção lacaniana das afasias.

De acordo com a concepção de Jakobson, já exposta no capítulo 2, Lacan (1988) diz que as afasias devem ser revistas através da oposição entre as relações de similaridade e contigüidade. As relações de similaridade relacionam-se com o processo de substituição ou escolha, como também com os processos de seleção ou concorrência. As relações de similaridade concordam com tudo o que é da ordem do sinônimo. Já as relações de contigüidade relacionam-se com a articulação significativa, com a coordenação sintática. Através dessa perspectiva, pode-se identificar a oposição clássica entre afasia sensorial e afasia motora: a primeira diz respeito às relações de similaridade e a segunda às de contigüidade.

Lacan (1988) fala a respeito daqueles afásicos que apesar de se servirem de toda uma articulação sintática, não são capazes de dizer o que exatamente querem. Esses sujeitos dão voltas em torno daquilo que visam, como se a palavra estivesse na ponta da língua, mas no entanto não pode ser dita. O autor caracteriza esse tipo de acontecimento afásico como um distúrbio de similaridade. O sujeito é incapaz da metáfrase estando inteiramente no domínio da paráfrase. A afasia sensorial é a denominação clássica para o que Lacan descreve acima.

A afasia classificada grosseiramente como motora caracteriza-se pelos distúrbios do agramatismo e por uma redução bastante considerável do estoque verbal. Esse tipo de déficit afásico ordena-se pelos distúrbios da contigüidade.

“É aqui essencialmente a articulação, a sintaxe da linguagem, que progressivamente, na escala dos casos e na evolução de certos sujeitos, se degrada, a ponto de torná-los incapazes de articular numa frase composta o que eles podem entretanto corretamente nomear. Eles guardam a capacidade nominativa, mas perdem a capacidade proposicional. Eles não são capazes de construir a proposição”.(Lacan, [1955-1956]1988, p. 255)

Quando se dirige a atenção para o significante retorna-se ao ponto de partida da descoberta freudiana porque aquilo que Freud chama de condensação é o que, em retórica, se chama metáfora; o que ele chama de deslocamento é a metonímia. Os conceitos apontados anteriormente parecem ter mais sentido quando se leva em conta a lógica inconsciente, em que uma coisa é substituída por outra ou traz relações de vizinhança entre as representações. O inconsciente é dirigido através das relações de similaridade (substituição) e contigüidade (alinhamento).

De acordo com Dor (1989) os elementos acima apontados representam os principais pontos da argumentação teórica que justifica a tese do inconsciente estruturado como uma linguagem. Quando se leva em consideração o significante, observa-se que o déficit afásico representa os mecanismos metafóricos e metonímicos, mecanismos estes presentes nas formações do inconsciente.

O déficit afásico considerado segundo o modelo tradicional que concebe a dissolução do vínculo da significação intencional com o aparelho do significante como característico da afasia sensorial, bem como a dissolução do vínculo interno do significante como próprio da afasia motora, não interessam a Lacan. “(...) Segundo uma espécie de lei geral de ilusão concernente ao que se produz na linguagem, não é o que aparece em primeiro plano que é o importante. O importante é a oposição entre dois tipos de vínculos que são eles mesmos internos ao significante”. (Lacan, [1955-1956] 1988, p. 256)

Mais importante do que caracterizar os tipos de afasias segundo os distúrbios de linguagem que lhe são próprios, é considerá-las de acordo com os processos metafóricos e metonímicos.

4.2 Metáfora: o distúrbio afásico da contigüidade.

Faz-se necessário abordar mais especificamente a questão da metáfora e da metonímia na linguagem do afásico. Para isso será apresentado um trecho do diálogo do afásico P com a investigadora, que ilustrará primeiramente o processo metafórico.

(1) [14-06-84: quadro contendo várias cenas: menino ao lado de um toca-discos, empregada trazendo comida em uma sopeira, menina tocando piano.]

a) Inv. – O que este menino está fazendo?

P. – Disco.

b) Inv. – O que essa menina tá fazendo?

P. – Piano.

c) Inv. – O que essa empregada tá fazendo?

P. – Sopas.

Coudry (1996) faz algumas considerações a respeito das dificuldades lingüísticas observadas na fala do sujeito em questão. Primeiramente a autora observou problemas do sujeito em estruturar as orações por dificuldade de expressar mediante um verbo a ação, o processo e as relações entre os participantes e objetos. Em seguida Coudry fala a respeito do desenvolvimento por parte do sujeito de uma estratégia própria para atenuar essa dificuldade. P explicita um dos participantes ou objetos que sejam específicos da ação esperada como resposta. Isso significa que o recurso expressivo utilizado pelo sujeito afásico, neste caso, é bem sucedido, pois o sujeito expressa sua intenção de modo a possibilitar uma interpretação adequada por parte do interlocutor.

De acordo com a análise deste primeiro caso e pelo levantamento das principais considerações feitas por Coudry a respeito do mesmo, pode-se considerar, sob a ótica do referencial teórico utilizado nesta pesquisa, que P expressa a idéia – o sentido daquilo que pretende responder – através de uma só palavra e essa palavra concentra todos os desdobramentos da resposta completa. Parece haver uma impossibilidade de concretização do processo metonímico, isto é, um distúrbio da contigüidade. O que está evidente nas respostas do sujeito é o funcionamento de sua linguagem através de um mecanismo metafórico e a partir deste momento será necessário dar ênfase a esse mecanismo.

Como já foi dito anteriormente, a metáfora é uma figura de estilo fundada em relações de similaridade, de substituição. Dor (1989) acrescenta que esse mecanismo de linguagem chamado metáfora intervém ao longo do eixo sincrônico (o eixo do léxico ou da língua). O princípio básico da metáfora é designar uma coisa por meio do nome de uma outra coisa.

Lacan (1988) salienta o papel do significante na metáfora e afirma ser preciso perceber que sem a estruturação do significante seria impossível a transferência de sentido. Para Dor (1989) a metáfora é concebida por Lacan como substituição significante, e os significados dela extraídos somente apresentam coerência através da rede dos significantes. Isso demonstra a autonomia do significante em relação ao significado e essa autonomia indica que a cadeia dos significantes comanda o conjunto dos significados, porque a substituição ocorrida na metáfora traz consigo o significado, comprovando assim que o processo de substituição significante não consiste simplesmente numa permutação de significantes.

“ Como de costume, é sempre o significado que colocamos no primeiro plano da nossa análise, porque é seguramente o que há de mais sedutor, e é o que, à primeira vista, parece ser a dimensão própria da investigação simbólica da psicanálise. Mas ao desconhecer o papel mediador primordial do significante, ao desconhecer que é o significante que é na realidade o elemento – guia, não só desequilibramos a compreensão original dos fenômenos neuróticos, a própria interpretação dos sonhos,

mas nos tornamos absolutamente incapazes de compreender o que se passa nas psicoses”. (Lacan, [1955-1956]1988, p. 251)

Pode-se observar, como já foi dito anteriormente, que o sujeito em questão escolhe uma só palavra para designar a ação ocorrida nas figuras apresentadas pela investigadora. Como por exemplo na letra “a” do diálogo (1), em que o sujeito ao invés de responder “o menino está ouvindo música” responde “disco”. Isso significa que a palavra disco é uma metáfora, pois condensa os desdobramentos da resposta de forma completa, representa a ação expressa na figura. A palavra “disco” está no lugar de “o menino está ouvindo música”.

O que é surpreendente nas respostas dadas por P (disco, piano, sopas) são as escolhas feitas por ele para responder aos questionamentos da investigadora, porque as palavras escolhidas não ocorrem de forma aleatória. Coudry (1996) salienta isso quando comenta a respeito da estratégia utilizada por P para fazer-se entender. P escolhe a palavra que represente um objeto específico da ação esperada como resposta. O que há presente é a intenção do sujeito e Lacan diz: “O que cativa aqui é a permanência da intencionalidade do sujeito apesar dessa impotência verbal localizada”.([1955-1956]1988, p. 254)

Diante disso pode-se concluir que se há intenção, há sujeito. P faz um uso empobrecido da metáfora devido ao processo metonímico estar prejudicado, mas na verdade esse processo está prejudicado devido à incapacidade do sujeito de expressá-lo verbalmente. O processo metonímico está latente, já que há uma articulação significativa não manifesta, mas que se faz presente na escolha da palavra feita pelo sujeito através do processo metafórico.

Lacan (1988) fala no vínculo posicional como o responsável pela ordem das palavras e pode-se observar que no caso em questão esse vínculo determina também a escolha da palavra. A articulação posicional sustenta a metáfora, pois mostra a ligação fundamental do significante. A manutenção da função posicional da linguagem é ressaltada por Lacan (1988)

na segunda forma dos distúrbios afásicos (distúrbio de contigüidade) porque a manutenção desse vínculo faz com que o sujeito, ao dar a resposta à investigadora, não o faça de forma casual. P faz a escolha da palavra (eixo sincrônico), mas não pode expressar tal escolha que se mostraria na articulação desta palavra com as outras palavras da frase (eixo diacrônico) e isso significa que: “O que aparece a nível gramatical como característico do vínculo posicional se acha a todos os níveis para instaurar a coexistência sincrônica dos termos”.(Lacan, [1955-1956]1988, p.257)

Outros exemplos do diálogo de P com a investigadora podem reforçar a análise feita até este momento:

(2) [24-05-84: foto de um homem cavalgando em um burro, de um livro que P está folheando]

INV. – O que esse homem tá fazendo?

P. – Burros.

(3) [24-05-84: foto de uma moça telefonando.]

INV. – Tá fazendo o quê, essa moça?

P. – Telefone .

(4) [24-05-84: foto de pessoas fazendo compras em uma galeria, onde estão expostos muitos biquínis e bolsas.]

INV. – O que estas pessoas estão fazendo?

P. – Lojas.

4.3 Situações dialógicas mais complexas

Coudry (1996) apresenta ao sujeito em questão situações dialógicas mais complexas para verificar o que aconteceria se trabalhasse com fotos de situações que envolvessem mais participantes e objetos. A investigadora propôs a P questões que diferem do diálogo apresentado anteriormente, tentando fazer incidir seu foco não sobre as ações mas sobre os processos envolvidos. A partir de agora serão apresentados os diálogos que demonstram essa situação:

(5) [Investigador e P. observam uma figura em que há várias ações e participantes:

um homem lendo jornal e fumando charuto; um outro lendo um livro; uma menina brincando com uma boneca. P tenta sem sucesso descrever a cena, o que leva o investigador às perguntas.]

INV. – O que está acontecendo aqui?

P. – Homens, homens, homens [...] Como é que chama? Saco viu! Meninos, meninas, menina. [...]. Livros, livro, jarutos, jarutos.

INV. – Charuto.

P. – Charuto .

(6) [P, sem perguntas do investigador, procura descrever situações e narrar as histórias figuradas em uma seqüência de quadros.]

a) [1.º quadro: homem em um quarto de dormir, na cama, espreguiçando-se. Há inúmeros objetos.]

P. – Relógio, abajur, cama, travesseiro, água [...] O homem está ... Como é que chama?

- b) [2.º quadro: o homem no banheiro, cantando, com a torneira aberta na pia para lavar-se, escovar os dentes ou barbear-se.]

INV. – Onde ele está?

P. – No banheiro.

- c) [3.º quadro: Café da manhã; mulher trazendo leite, café, pão; xícara em cima da mesa; homem sentado lendo um jornal.]

P. – Café, leite, jornal, pão. Tá aqui (mostrando esses objetos).

- d) [4.º quadro: homem despedindo-se das crianças e saindo de casa. P aponta o relógio na figura, marcando 7:30 e olha para o quadro seguinte.]

- e) [5.º quadro: homem em seu escritório, ao telefone; no quadro, dois relógios marcando 8:00 e 12:00 horas.]

P. – Agora trabalhar. [...] Meio dia [...] (apontando o charuto aceso no cinzeiro) Fumar, telefone. Meio dia...

- f) [6.º quadro: homem sentado em um restaurante, comendo; garçom servindo bebida. Há um relógio marcando 12:10. O investigador faz um gesto com a mão aberta indicando o número 5 e, em seguida, 10, observando o relógio.]

P. – Meio dia e dez.

INV. – Onde ele está?

P. – (Apontando a figura do 6.º quadro:)

Guaraná e almoço, homem e garçom.

- g) [7.º quadro: Homem chegando em casa e cumprimentando os filhos; mulher em pé com o cachorro ao seu lado. Relógio marcando 18:15.]

INV – E agora, que horas são?

P. – Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete [...] Uma, duas, ...

INV. – Qu ... (Prompting para introduzir “quinze”)

P. – Seis e quinze.

INV. – E agora ?

P. – Mulher, homem, criança e cachorro estão agora [...] (desiste e passa para o 8.º quadro)

h) [8.º quadro: homem e mulher assistindo a um filme de cowboy na televisão, sentados em um sofá.]

P. – Televisão, bandidos [...] homem e mulher.

De acordo com Coudry (1996), nos exemplos (5) e (6) as condições dialógicas entre P e a investigadora apresentam-se modificadas, porque ou a questão feita pela investigadora incide sobre o processo (“o que está acontecendo aqui”), ou ocorrem questões fáticas que estimulam à continuidade discursiva (“e agora?”), ou ainda nenhuma questão é feita. A modificação dialógica proposta pela autora deixa em aberto um número maior de participantes e objetos à seleção, diferentes funções semânticas utilizáveis e diferentes perspectivas possíveis para a construção da expressão. Diante disso P encontra dificuldades e tem como seu maior obstáculo a expressão da forma verbal.

Para Coudry (1996) as evidências presentes nos diálogos (5) e (6) apontam para a hipótese de que em situações dialógicas mais complexas P enumera os objetos percebidos sem estabelecer relações entre eles. Percebe-se “(...)uma certa incapacidade de relacionar participantes e objetos entre si, atribuindo-lhes papéis descritivos adequados, e a de praticar

atos discursivos significativos representando essas situações complexas, reduzindo-os a mera etiquetagem de objetos.” (Coudry, 1996, p.112)

A autora acrescenta um dado muito importante que contribui para a compreensão das dificuldades apresentadas por P e direciona as hipóteses levantadas anteriormente para outro caminho. A situação dialógica estabelecida pela investigadora faz com que P tenha que tomar a iniciativa da conversa, ou seja, a interação com a interlocutora está modificada. A relação do sujeito é mais com as figuras dos quadrinhos que representam situações artificiais, já que dificultam a constituição do ouvinte como interlocutor.

Coudry (1996) diz que o processo de reconstrução da linguagem do afásico deve ser um processo conjunto com o interlocutor e o tipo de atividade proposta nos exemplos em questão contribuem com um modelo pedagógico numa espécie de volta a procedimentos de nomear. A partir desse dado fundamental à análise, a autora observa expressões utilizadas por P para demonstrar sua intenção: “como é que chama?”, “Saco viu!”, “o homem está...”. Uma segunda observação refere-se ao fato de que apesar de P aparentemente enumerar aleatoriamente os participantes e os objetos da cena, na verdade ele os ordena segundo os papéis específicos que nela desempenham. Um exemplo disso está no diálogo (5):

P. – Homens, homens, homens [...] (...) meninos, meninas, menina. Livros, livro[...] jarutos, jarutos.

Conclui-se, segundo Coudry (1996), que as respostas de P são adequadas quando não se exige dele a utilização de uma forma verbal que dê conta da ação ou processo envolvido. O sujeito percebe e analisa a situação representada nas figuras de forma adequada, pois estabelece relações entre os elementos e lhes atribui papéis na situação, como por exemplo no trecho do diálogo acima em que P ao falar “homens, homens, homens”, faz uma relação com os objetos “livros” e “jarutos”, já que, como demonstra o diálogo (5), a figura apresentada ao sujeito mostra, entre outras coisas, um homem lendo jornal e fumando charuto e um outro

lendo um livro. Essa relação não é explicitada verbalmente, mas ocorre graças à presença do vínculo posicional responsável pela ordem das palavras. Há uma articulação posicional que faz com que P ordene as palavras de maneira que produzam relações e sentidos.

As dificuldades apresentadas por P vão de encontro à situação discursiva apresentada, pois dependem fundamentalmente de sua interação com o interlocutor. A maneira como a investigadora se posicionou nos diálogos (5) e (6) reforçou as dificuldades de P. Contudo, o mesmo se atualiza como sujeito ao dar indícios de sua intenção através das expressões que utilizou diante de suas dificuldades (“como é que chama?”, “saco viu!”), bem como pela constatação de que há uma articulação significativa mesmo em situações de diálogo mais complexas.

Pode-se ir além da análise já feita por Coudry e utilizar suas observações e argumentações, que a partir de agora incidirão em um dos pontos da análise dos diálogos (5) e (6): a interação do sujeito com a investigadora, o que ocorre nessa relação que dificulta ou possibilita o andamento do processo. Isso é significativo porque no caso de P a participação da investigadora é importante na reconstrução de sua linguagem, ou melhor, porque o processo de reconstrução da linguagem do afásico deve ser um processo conjunto com a interlocutora.

Coudry (1996) responde aos questionamentos feitos anteriormente a partir de uma perspectiva sócio – interacionista. A linguagem é concebida pela autora como uma atividade, uma ação que envolve um trabalho histórico e social. A linguagem se realiza como um processo dialético pela relação de um “eu” e um “tu”, produzindo assim o discurso. O que importa, de acordo a perspectiva adotada pela autora, é interpretar os erros e faltas do afásico como uma ruptura do componente interacional e social onde as formas lingüísticas se constituem. É necessário reconstruir no sujeito o aspecto interpessoal para que possa voltar a jogar o jogo da linguagem.

A análise que se pretende fazer neste estudo está norteada pela perspectiva psicanalítica e, diante disso, os questionamentos anteriormente levantados serão respondidos pela teoria em questão. A importância da interação entre sujeito afásico e seu interlocutor será considerada pelo viés psicanalítico.

4.4 A reconstrução da linguagem do afásico: do pequeno ao grande outro

Um ponto muito importante para a teoria psicanalítica e, mais especificamente, para os pressupostos teóricos lacanianos foi levantado a partir da análise das falas do afásico P. Em relação a esse sujeito, Coudry (1996) salienta a importância da participação efetiva da investigadora na reconstrução de sua linguagem.

Ao se colocar a questão do porquê o afásico P precisa do outro (investigadora) para reconstruir sua linguagem, levanta-se em discussão a relação outro/Outro. A partir de então introduzir-se-á a questão proposta entre afásico – linguagem – outro/Outro, e para isso a concepção lacaniana será fundamental.

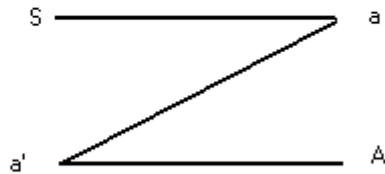
A discussão terá início a partir do conto de Edgar A. Poe “A carta roubada”, utilizado por Lacan em seu seminário intitulado “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise” para introduzir algumas questões. A partir do jogo de par-ímpar presente no conto de Poe, Lacan introduz a idéia de intersubjetividade. Para melhor compreensão faz-se necessário citar Poe:

“Conheci um garotinho de oito anos cujo êxito como adivinhador, no jogo de par-ímpar, despertava a admiração de todos. Este jogo é simples e se joga com bolinhas de vidro. Um dos participantes fecha na mão algumas bolinhas e pergunta ao outro se o número é par ou ímpar. Se o companheiro acerta, ganha uma bolinha; se erra, perde uma. O menino a que me refiro ganhou todas as bolinhas de vidro da escola.

Naturalmente, tinha um sistema de adivinhação que consistia na simples observação e no cálculo da astúcia de seus oponentes. Suponhamos, por exemplo, que seu adversário fosse um bobalhão que, fechando a mão, lhe perguntasse: “Par ou ímpar?” Nosso garoto responderia “ímpar”, e perderia; mas na segunda vez, ganharia, pois diria com os seus botões: “Este bobalhão tirou par na primeira vez, e sua astúcia é apenas suficiente para que apresente um número ímpar na segunda vez. Direi, pois ímpar”. Diz ímpar e ganha. Ora, com um simplório um pouco menos tolo que o primeiro, ele teria raciocinado assim: “Este sujeito viu que, na primeira vez, eu disse ímpar e, na segunda, proporá a si mesmo, levado por um impulso, a variar de ímpar para par, como fez o primeiro simplório; mas pensando melhor, acha que essa variação é demasiado simples, e, finalmente, resolve-se a favor do par, como antes. Eu, por conseguinte, direi par”. E diz par, e ganha. Pois bem. Esse sistema de raciocínio de nosso colegial, que seus companheiros chamavam de sorte, o que era, em última análise?

- Simplesmente - respondi – uma identificação do intelecto de nosso raciocinador com o de seu oponente”. (Poe, 2003, p 213)

O jogo de par-ímpar é interpretado por Lacan como a dimensão da intersubjetividade: “(...) O sujeito adota uma posição em espelho que lhe permite adivinhar o comportamento de seu adversário. No entanto, este próprio método já supõe a dimensão da intersubjetividade, em que o sujeito tem de saber que na sua frente tem um outro sujeito, em princípio homogêneo a ele mesmo”.(Lacan, [1954-1955]1985a, p. 228). A partir do momento em que um dos sujeitos propõe colocar-se diante de seu oponente como um espelho que reflete o intelecto deste, encontra-se nessa experiência a relação imaginária com o outro. O esquema L proposto por Lacan no seminário acima mencionado e representado a seguir mostra a dialética intersubjetiva citada anteriormente. Nesse esquema observa-se a dinâmica existente entre o sujeito e o outro através da referência implícita ao estágio do espelho.



Dor (1989) diz que o sujeito conquista sua identidade através de uma imagem, a imagem do próprio sujeito refletida no espelho. Inicialmente, o sujeito assume essa imagem como sendo de um outro, para que a seguir possa assumi-la como sua própria imagem. Assim, é através do outro especular que o sujeito identificará o outro enquanto seu semelhante. A relação do sujeito com seu outro especular depende do outro enquanto seu semelhante (a criança recebe através do olhar da mãe a confirmação de que a imagem que percebe é a sua) e a relação que o sujeito estabelece com seu semelhante está na dependência de seu outro especular. “Pode-se falar, pois, de uma dialética da identificação de si com o outro e do outro a si”.(Dor, 1989, p 124)

O jogo de par-ímpar apresentado por Poe ilustra a dimensão da intersubjetividade na medida em que sustenta uma objetivação imaginária do sujeito, na medida em que sustenta uma relação que se dá de imagem para imagem, de eu para eu. De acordo com Dor (1989), a objetivação imaginária do sujeito em relação a si mesmo é o eu (moi), já que o sujeito identifica-se com os vários eus que o representam em seu discurso. “Por ser uma imagem projetada do sujeito através de seus múltiplos representantes, o Eu (Moi) só toma seu valor de representação imaginária pelo outro e em relação ao outro. O estádio do espelho é um processo precursor desta dialética”.(Dor, 1989, p.122)

Segundo Lacan (1985a), a relação imaginária com o outro é enfraquecida na medida em que é constituída pela relação com o ego. Essa relação imaginária atinge seu limite e

consequentemente o ego se desorganiza na medida em que o sujeito é confrontado com algo que está além da experiência cotidiana da percepção, “(...) algo a que poderíamos dar o nome de um id, e que chamaremos simplesmente, para não fazer confusão, de um quod, de o que será que é?”. (Lacan, [1954-1955]1985a, p.225)

Lacan (1985a) não elimina a intersubjetividade e com ela a relação imaginária, mas o que propõe é que no plano imaginário este para além da relação intersubjetiva é atingido. “(...) O sujeito passa para além desta vidraça onde sempre vê, amalgamada, sua própria imagem. (...)”. (Lacan, [1954-1955]1985a, p. 223). O imaginário serve de substrato para um sujeito que ao atravessar o espelho não se reconhece. Quando se retorna ao jogo par-ímpar de Poe sob o ponto de vista de Lacan, conclui-se que quando o sujeito raciocina no jogo como pensa que o outro vai raciocinar estabelece um ponto de partida. Porém, ainda é um método insuficiente para se chegar, como diz Lacan, onde reside a mola do sucesso. Dor (1989) acredita que o estágio do espelho, responsável pela relação imaginária, é uma fase inaugural da evolução psíquica na qual está presente um esboço da subjetividade adquirida pela conquista da identidade originária. Essa fase inaugural permite à criança dirigir-se rumo ao simbólico pelo qual colocará fim à relação especular com a mãe.

A proposta de Lacan que permite ir além desta relação de imagens é utilizar a máquina como parceira no jogo. Com a máquina é impossível relacionar-se por intermédio da identificação. “(...) Somos, pois, projetados de entrada no caminho da linguagem, da combinatoria possível da máquina.(...)”. (Lacan, [1954-1955]1985a, p. 229). A máquina possibilita o jogo através de signos e representa o mundo simbólico, a linguagem. “(...) O sujeito, na medida em que fala, pode encontrar inteiramente sua resposta, seu retorno, seu segredo, seu mistério, no símbolo construído que as máquinas modernas representam para nós(...)”. (Lacan, [1954-1955]1985a, p. 235)

Para falar a respeito da relação entre o sujeito com a função simbólica, Lacan (1985a) utiliza o jogo como uma metáfora que pode explicar essa relação. Não existe jogo de acaso, assim como num diálogo as palavras não são ditas aleatoriamente, pois aí já há articulação de uma fala com outra, sendo assim improvável que as palavras surjam casualmente. O jogo não é de acaso, como o diálogo também não o é, porque existe uma estrutura maior que sustenta ambos, a estrutura simbólica.

Para Lacan (1985a) o sujeito humano é um dos elementos deste mundo simbólico. Os símbolos geram suas necessidades, suas estruturas, suas organizações. Resta saber qual é o alcance da ordem simbólica no mundo do sujeito, e para responder a isso constata-se que o sujeito está preso à rede simbólica e desloca-se através dela tomando várias posições e possibilitando a transformação da mesma. Dor (1989) acredita que a alienação do sujeito na e pela linguagem comprova o caráter dispensável desse sujeito na medida em que é um efeito do significante, na medida em que encontra-se representado unicamente na forma de um símbolo.

A relação imaginária é guiada por um eu que tem sua imagem refletida no outro, esse é o plano do espelho e dos outros homogêneos. Porém há um outro plano que Lacan (1985a) chama de muro da linguagem, o qual representa a relação simbólica. Do outro lado desse muro está aquilo que não se conhece, verdadeiros Outros, verdadeiros sujeitos. Segundo Dor (1989), o muro da linguagem representa a obstrução da comunicação direta de sujeito a sujeito, e Lacan diz que são esses verdadeiros Outros que o sujeito procura cada vez que pronuncia uma fala verdadeira, porém o que encontra é um outro objetivado. “Há dois outros que se devem distinguir, pelo menos dois – um outro com A maiúsculo e um outro com a minúsculo, que é o eu. O Outro, é dele que se trata na função da fala”.(Lacan, [1954-1955]1985a, p 297)

A linguagem remete o sujeito a uma contradição, pois o acesso ao simbólico, que liberta o sujeito de sua alienação na dimensão imaginária, só o salva desta para melhor atirá-lo na alienação da dimensão simbólica. Como afirma Dor (1989), a comunicação de um sujeito com outro sujeito é sempre mediada pelo eixo imaginário. E aqui pode-se fazer, novamente, menção ao esquema L proposto por Lacan. Quando o sujeito se dirige ao Outro, encontra inicialmente um eu (moi) que comunica-se com um outro eu, jamais alcançando seu destinatário em sua autenticidade. “Em outras palavras, o S que se endereça ao grande Outro nunca comunica senão com um pequeno outro. Na comunicação, o sujeito permanece, assim, radicalmente prisioneiro da ficção em que o introduz sua própria alienação subjetiva”.(Dor, 1989, p.156)

Diante das argumentações teóricas feitas anteriormente, é possível situar a relação afásico – linguagem – outro/Outro. Essa relação está mediada pela reconstrução da linguagem do afásico através da participação da investigadora nesse processo.

A relação do afásico P com a investigadora remete a um outro, um outro que representa a relação imaginária. A investigadora, enquanto um espelho para o sujeito afásico, reflete esse sujeito como aquele que tem dificuldades em falar. O afásico identifica seu problema através do outro, do outro que fala e tem um certo controle sobre sua linguagem. No entanto, há algo além dessa relação especular, há entre afásico e investigadora um terceiro, a linguagem.

A linguagem, enquanto estrutura que existe independente do sujeito, incide sobre o afásico demonstrando sua impotência por não dominá-la. Todavia, mesmo no erro, as palavras do afásico não são casuais – elas demonstram intenções, articulações, sujeito. A relação imaginária de P com a investigadora faz com que aquele se reconheça como afásico. Já a realidade que a relação simbólica produz é fazer com que o afásico seja sujeito mesmo diante

de seu déficit de linguagem, pois quando o afásico se dirige a um outro, já está aí pressuposto o Outro.

De acordo com Dor (1989), a mensagem formulada entre sujeitos é endereçada a um outro enquanto Outro absoluto, porque há um reconhecimento implícito desse Outro através de um tipo de mensagem que o sujeito estrutura como vindo do outro através de uma forma invertida. Essa forma invertida é o que está implícito na fala do sujeito e se revela como algo que está mais além da palavra. O mais além da palavra é o Outro. O que se revela como algo que está além das palavras ditas pelo afásico P, nos diálogos apresentados até este momento, é a capacidade do sujeito de manter a articulação significante, ou seja, as respostas dadas pelo sujeito são fruto de uma articulação significante implícita que não permite respostas meramente casuais, mas sim palavras ditas com intenção.

O afásico precisa da investigadora (outro) para se reconhecer como tal e para ir além de seu déficit. A partir dessa relação é possível ao afásico reconhecer-se como um sujeito que se produz na articulação de um significante com outro. É como se na mensagem: “eu sou um afásico” se produzisse algo além, algo que vem do Outro e diz: “estou aqui e reconheço o que digo”.

Para ilustrar o processo até agora descrito é necessário expor algumas estratégias utilizadas pela investigadora na reconstrução da linguagem do afásico P. Coudry (1996) dá início às suas estratégias a partir da orientação do diálogo que se estabelece entre ela e o sujeito afásico. A investigadora orienta o diálogo para tentar levar P a reelaborar sua dificuldade.

O primeiro procedimento utilizado na reelaboração da dificuldade apresentada pelo afásico é a insistência na questão. Coudry (1996) diz que a insistência na questão, estabelecida através do diálogo entre ela e o afásico, é suficiente para levar P a encontrar outros recursos expressivos. O diálogo a seguir demonstra esse procedimento:

(7) [19-07-84: foto de dois homens em um barco, remando.]

a) INV. – E aqui, o que eles estão fazendo?

P. – Rios, rios.

INV. – O que estes homens estão fazendo?

P. – Mudar, mudar [...] Não é mudar, meu Deus!

b) INV. – Como chama isso? (Mostrando o remo.)

P. – Isso, aqui? (Mostrando o barco.)

INV. – Não, esse pau. (Mostrando o remo.)

P. – [...]

INV. – Re... (Prompting para “remo”.)

P. – Re.

INV. – Rem... (Expandindo o prompting.)

P. – Remar, remar.

c) INV. – Isso aqui, como é que chama? (Mostrando o remo.)

P. – Remar.

INV. – Remo.

P. – Remo.

A respeito do diálogo citado acima vale relembrar que P apresenta problemas em estruturar as orações por dificuldade de expressar, mediante um verbo, a ação ou o processo e, assim, as relações entre os participantes e objetos nessa ação ou processo. Feitas as devidas

considerações, a análise do diálogo em questão prossegue com o comentário de Coudry (1996), que fala a respeito do início do diálogo (letra “a”) em que P especifica a ação através de um locativo (“rios”). Porém, ao perceber a insistência da investigadora, P vai em busca de uma alternativa:

INV. – O que estes homens estão fazendo?

P. – Mudar, mudar [...] Não é mudar, meu Deus!

Coudry (1996) diz que P compreende o foco da questão na medida em que expressa uma forma verbal (“mudar”) e, além disso, o sujeito demonstra saber que não obteve sucesso (“não é mudar, meu Deus!”).

Na letra “b” do diálogo (7) Coudry diz cometer um engano ao formular a questão inadequadamente, já que com a pergunta “como chama isso?” há um retorno a procedimentos de nomear que dificultam a constituição do ouvinte como interlocutor. “O interessante é notar que eu mesma não me apercebi do grau de adequação da resposta (no que diz respeito à forma verbal) habituada com as respostas de P via objeto, lugar, instrumento, esperava que me oferecesse primeiro essa alternativa; por exemplo o instrumento – “remo””.(Coudry, 1996, p 117)

O segundo procedimento utilizado na reconstrução da linguagem de P é o prompting. Para Coudry (1996), o prompting evita silêncios prolongados que possam romper com as condições discursivas, bem como mantém as expectativas dialógicas. A autora fala também da importância do prompting quando o sujeito o incorpora para a resolução de uma dificuldade. Um exemplo disso é o trecho do diálogo (7):

.....

INV. – Re...

P. – Re.

INV. – Rem...

P. – Remar, remar.

A respeito das falas acima citadas, Coudry diz que “(...) a resposta de P (modulada em uma entonação finalizante) é construída em especularidade com o prompting fornecido. Foi a expansão do prompting que criou as condições para a resposta esperada.(...)” (Coudry, 1996, p. 122)

Restringir as possibilidades de P na utilização de termos que expressam participantes e objetos para a especificação do verbo é outro procedimento adotado pela investigadora. O diálogo que segue demonstra o procedimento em questão:

(8) [24-05-84: foto de homens montando cavalos e saltando obstáculos.]

a) INV. – O que estão fazendo esses homens?

P. – Cavalos, cavalos.

b) INV. – Fazendo o que com os cavalos?

P. – Pular.

Para finalizar a análise de Coudry, em relação aos procedimentos que utiliza na reconstrução da linguagem de P, mais uma vez ela salienta que a resolução da dificuldade do afásico em questão depende crucialmente de sua interação com o interlocutor. Diante disso pode-se retornar à teoria psicanalítica e considerar as estratégias utilizadas pela investigadora através da psicanálise.

É possível partir do pressuposto, no que diz respeito à fala do afásico, de que alguma coisa falha. A investigadora procura restituir essa falha organizando o imaginário do afásico e servindo de espelho para que o mesmo identifique suas dificuldades. Isso é feito por meio da insistência, do prompting e da restrição.

Algo se mostra além das estratégias da investigadora, existe algo que vai além da relação imaginária. O simbólico, a estrutura significante da linguagem, sustenta a relação dialógica entre afásico e investigadora e faz com que o sujeito afásico vá além de seu déficit na medida em que é capaz de manter a articulação significante. Jakobson (2001) diz que no distúrbio da contigüidade não há perda total da palavra, já que a mesma é a entidade preservada na maior parte dos casos. O autor afirma que a palavra é a mais alta entre as unidades lingüísticas obrigatoriamente codificadas, o que permite concluir que a relação com o código está preservada no caso do afásico P. Pode-se retornar à concepção lacaniana, já exposta na construção deste texto, e pensar a relação entre o sujeito afásico com a função simbólica. Lacan utiliza o jogo para explicar essa relação e diz:

“Como vimos da última vez, jogar é ir no encaço de uma regularidade presumida que, num sujeito, se furta, mas que deve traduzir-se nos resultados por um desviozinho de nada na curva das probabilidades. Pois, é justamente o que tende a revelar-se nos fatos, mostrando que pelo simples fato do diálogo, por mais cego que seja, não existe puro jogo de acaso, porém já articulação de uma fala com outra. Esta fala está inclusa no fato de que, mesmo para o sujeito que joga sozinho, seu jogo só tem sentido se ele anunciar previamente o que ele pensa que vai sair. Pode-se jogar sozinho cara ou coroa. Porém, do ponto de vista da fala não se joga sozinho – já existe a articulação de três sinais, comportando um ganho ou um perdido, sobre o qual aparece delineado o próprio sentido do resultado. Em outros termos, não há jogo se não houver questão, não há questão se não houver estrutura. A questão é composta, organizada pela estrutura”.(Lacan, [1954-1955] 1985a, p. 242)

Para finalizar este texto é preciso retomar as idéias de Coudry e expor a sua hipótese a respeito da dificuldade do sujeito P em expressar a forma verbal. Coudry diz que essa dificuldade é proveniente de uma outra mais profunda. Isto é, P encontra problemas em constituir-se na prática clínica como interlocutor efetivo e enunciar a forma verbal, implica

em assumir-se como locutor. Porém, essa dificuldade de P apresentou uma considerável evolução com o tratamento, segundo o acompanhamento do caso feito por Coudry.

A ênfase dada por Coudry a respeito da reconstrução da linguagem do afásico a partir de sua interação com a investigadora teve como consequência a construção de estratégias dialógicas

“(…) que favorecem ao sujeito encontrar o que a doença apaga e ele próprio sublinha. Nesta forma de ação sobre a doença o sujeito acaba por suprir com singularidade faces comprometidas dos objetos lingüísticos: isso exige por parte do sujeito um trabalho permanente de conhecimento e reconhecimento de suas dificuldades para construí-las junto com o investigador”. (Coudry, 1996, p. XIX)

A interação de P com a investigadora permitiu a evolução daquele no que diz respeito às suas dificuldades e isso se deu a partir do momento em que o sujeito começou a incorporar em seu discurso as estratégias utilizadas na prática clínica com a investigadora. A partir deste momento voltamos novamente a relação afásico – linguagem – outro/Outro e reiteramos que a reconstrução da linguagem do afásico se dá a partir de uma relação imaginária que vai em direção ao simbólico e é sustentada por ele.

4.5 A afasia e o processo primário presente nos sonhos

Ao considerar a teoria psicanalítica na análise em questão, pode-se observar nas falas que aqui se apresentam uma relação com o processo primário presente nos sonhos. A seguir será exposto o caminho percorrido para tal conclusão.

Freud (1987b) fala a respeito de dois processos que ocorrem nos sonhos. Um deles produz pensamentos oníricos normais relacionados à atividade racional. Os pensamentos derivados da nossa vida cotidiana, e que formam uma seqüência lógica, são reencontrados nos pensamentos oníricos, porém essa atividade superior de pensamento não é executada durante o sono, mas provavelmente tenha se originado no dia anterior e abandonada pelo julgamento de que é errada ou inútil para o fim intelectual imediato. Essa cadeia, que se chama pensamento pré-consciente, prossegue despercebida pela consciência até o início do sono.

O outro processo apresentado por Freud diz respeito a procedimentos psíquicos que se apresentam no conteúdo do sonho de forma desconcertante e irracional. Como diz Freud (1987b), fontes inconscientes e desejos podem se ligar aos pensamentos que foram suprimidos no pré-consciente e essa cadeia de pensamentos desprezados persistem, embora sem acesso à consciência. A cadeia de pensamento até então pré-consciente foi agora arrastada para o inconsciente. “A partir daí, a cadeia de pensamentos passa por uma série de transformações que já não podemos reconhecer como processos psíquicos normais e que levam a um resultado que nos desnorteia – uma formação psicopatológica”.(Freud, [1900]1987b, p.539)

Freud considera esse segundo processo psíquico como o trabalho do sonho propriamente dito e diz que a condensação é a principal responsável pela impressão desconcertante que os sonhos causam em nós. “Os sonhos são curtos, insuficientes e lacônicos em comparação com a gama de riqueza dos pensamentos oníricos”.(Freud, [1900]1987b, p.272). Isso significa que o material psíquico passou por um processo de condensação durante a formação do sonho.

O deslocamento é um processo, que segundo Freud, juntamente com a condensação, domina a forma assumida pelos sonhos. O conteúdo manifesto do sonho apresenta elementos que se destacam como os principais componentes desse conteúdo e que não desempenham o mesmo papel nos pensamentos do sonho: “(...) o que é claramente a essência dos pensamentos do sonho não precisa, de modo algum, ser representado no sonho”.(Freud,[1900]1987b, p.294). O conteúdo do sonho tem elementos diferentes do pensamento do sonho como ponto central e isso se justifica pelo processo de deslocamento.

A diferença entre o texto do conteúdo do sonho e dos pensamentos do sonho se deve à transferência e deslocamento de intensidade psíquica no processo de formação do sonho. Laplanche e Pontalis falam a respeito do deslocamento como o “facto de a acentuação, o interesse, a intensidade de uma representação ser susceptível de se soltar dela para passar a outras representações originariamente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa”. (Laplanche e Pontalis, 1970, p. 162)

Os mecanismos de deslocamento e condensação citados anteriormente fazem parte do processo primário. Esse processo faz com que a energia psíquica corra livremente de uma representação para outra fazendo com que haja um incessante deslizar de sentido.

“Os processos irracionais que ocorrem no aparelho psíquico são os processos primários. Eles aparecem sempre que as representações são abandonadas pela catexia pré-consciente, deixadas por sua própria conta, e podem ser carregadas com a energia não inibida do inconsciente, que luta por encontrar um escoadouro”. (Freud, [1900]1987b, p. 548).

Para encontrar uma relação entre a fala do afásico e o processo primário presente nos sonhos é importante partir das palavras de Freud, já mencionadas anteriormente, para ilustrar esse processo: “Os sonhos são curtos, insuficientes e lacônicos (...)”. Diante dessas palavras pode-se pensar na fala do afásico como também curta, insuficiente e lacônica, onde os

elementos sintáticos estão aparentemente suprimidos e quando presentes apenas giram em torno do que deveria ser realmente dito.

A condensação e o deslocamento são os mecanismos responsáveis pelo conteúdo do sonho, bem como pela lógica do inconsciente. A metáfora e a metonímia são termos da retórica que, utilizados por Lacan, representam a descoberta freudiana sob o ponto de vista do significante. É necessário analisar como os processos citados anteriormente podem ser compreendidos do processo primário (condensação e deslocamento) para o seu correlato significante (metáfora e metonímia) na fala do afásico. “São, sobretudo, estes poucos elementos da teoria freudiana do sonho (rapidamente lembrados) que Lacan utilizará para fundar, bem como para apoiar, a analogia estabelecida entre o funcionamento dos processos inconscientes e o funcionamento de certos aspectos da linguagem”.(Dor, 1989, p. 20)

O processo de condensação presente nos sonhos relaciona-se com o distúrbio de contigüidade presente nas afasias. Como visto anteriormente, o sujeito afásico condensa em uma palavra os desdobramentos da resposta de forma completa. A resposta do sujeito é uma metáfora, como bem demonstra a letra “a” do primeiro diálogo apresentado.

Inv. – O que este menino está fazendo?

P. – Disco.

O que no afásico manifesta-se como uma metáfora, no conteúdo manifesto dos sonhos apresenta-se como uma tradução resumida. A respeito disso Dor diz: “(...) no trabalho do sonho os processos de condensação desenvolvem-se de maneira análoga aos processos metafóricos da linguagem (...)”. (1989, p.55)

O deslocamento presente no trabalho dos sonhos encontra relação com as afasias no distúrbio de similaridade presente na fala do afásico, pois o sujeito acometido por esse distúrbio mantém uma certa articulação sintática, porém é incapaz de dizer o que quer. Pode-

se dizer que, neste caso, a fala do afásico está no nível da metonímia. Dor (1989) complementa a afirmação anterior quando diz ser possível fazer uma comparação entre o mecanismo de deslocamento e o processo metonímico.

Lacan ao falar da metonímia exemplifica esse processo através do sonho de Anna Freud. “Anna Freud adormecida – as coisas estão, vocês estão vendo, em estado puro – fala em seu sonho: Morangos grandões, framboesas, flans, mingaus”. (Lacan, [1955-1956]1988, p. 259). Diante do relato do sonho de Anna Freud, pode-se retornar aos diálogos (5) e (6) desta análise, já que as falas do afásico, nesses diálogos, apresentam uma coordenação semelhante ao sonho em questão, pois apesar do sujeito aparentemente enumerar os objetos percebidos nas figuras apresentadas como um processo de mera etiquetagem de objetos, na verdade, como diz Coudry (1996), há uma ordenação desses objetos segundo os papéis específicos que desempenham. A seguir, um dos trechos dos diálogos (5) e (6) que exemplificam a questão:

(5) [Investigador e P. observam uma figura em que há várias ações e participantes: um homem lendo jornal e fumando charuto; um outro lendo um livro; uma menina brincando com uma boneca. P. tenta sem sucesso descrever a cena, o que leva o investigador às perguntas.]

INV. – O que está acontecendo aqui?

P – Homens, homens, homens [...] Como é que chama? Saco viu! Meninos, meninas, menina. [...]. Livros, livro, jarutos, jarutos.

INV. – Charuto.

P. – Charuto .

(6) [P, sem perguntas do investigador, procura descrever situações e narrar as histórias figuradas em uma seqüência de quadros.]

a) [1.º quadro: homem em um quarto de dormir, na cama, espreguiçando-se. Há inúmeros objetos.]

P. – Relógio, abajur, cama, travesseiro, água [...] O homem está ... Como é que chama?

A respeito do sonho da filha de Freud, Lacan diz que “(...) não é evidente que esses objetos estejam ali todos juntos. Que estejam ali, justapostos, coordenados na nomenclatura articulada, se deve à função posicional que os coloca em posição de equivalência. É o fenômeno essencial”.(Lacan, [1955-1956]1988, p 259). O que no sonho de Anna Freud aparece como a forma mais fundamental da metonímia, nos diálogos aqui analisados aparece como um desenvolvimento metonímico latente. Apesar de P enumerar os objetos e personagens presentes nas figuras, suas palavras apresentam-se como metáforas decorrentes de um processo metonímico empobrecido, pelo menos aparentemente, na medida em que não pode se expressar completamente na fala.

Os pontos que até aqui foram levantados caminham em direção à afirmação lacaniana (1988) de que a metonímia torna possível a metáfora. Essa afirmação pode ser revista sob os aspectos que direcionam a análise neste momento: a fala do afásico e os sonhos. No caso das falas do afásico analisadas até agora, percebe-se que a escolha da palavra feita pelo sujeito em questão de forma intencional e não aleatória só foi possível por causa da articulação significante, a partir de um desenvolvimento metonímico latente como se pressupôs acima. Já em relação aos sonhos, Dor (1989) diz que os materiais do conteúdo manifesto são produto de cadeias associativas entre uma diversidade de materiais latentes.

“(...) o deslocamento impõe um material manifesto para designar um material latente em relação de contigüidade com o precedente. Trata-se, pois, neste caso, de uma transferência de denominação totalmente idêntica ao mecanismo da metonímia, que impõe sempre um novo significante em relação de contigüidade com um significante anterior que ele substitui”. (Dor, 1989, p 57)

Alguns pontos muito importantes puderam ser expostos a partir da relação entre afasia e sonhos. Ao tentar aproximar as afasias à interpretação dos sonhos de Freud é possível reconhecer a tese lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem, já que Lacan, a partir da teoria freudiana dos sonhos, buscou comparar o funcionamento do inconsciente (condensação e deslocamento) ao funcionamento da linguagem (metáfora e metonímia).

“A *Verdichtung*, condensação, é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora, e cujo nome, por condensar em si mesmo a *Dichtung*, indica a conaturalidade desse mecanismo com a poesia, a ponto de envolver a função propriamente tradicional desta.

A *Verschiebung* ou deslocamento é, mais próxima do termo alemão, o transporte da significação que a metonímia demonstra e que, desde seu aparecimento em Freud, é apresentada como o meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura”. (Lacan, 1998b, p. 515)

Outro ponto importante, aqui considerado, foi a confirmação de uma articulação significativa na fala do afásico P. Essa confirmação vem sendo possibilitada desde o início da análise através de vários indícios já levantados. As considerações feitas a partir das afasias e dos sonhos, corroboram com a afirmação lacaniana de que a metonímia torna possível a metáfora, porque o sujeito afásico só fala o que fala devido à articulação significativa. Como nos sonhos, o conteúdo manifesto só aparece de determinada forma devido a pluralidade de associações latentes a esse conteúdo.

4.6 Afasia: a desorganização imaginária e o sujeito do enunciado

A partir deste momento será apresentado o segundo caso exposto por Coudry. Ao acompanhar o caso do sujeito afásico N, a autora traçou alguns objetivos em sua análise: um deles é comparar o desempenho de N em situação de teste padrão com situações discursivas. Coudry (1996) salienta que das dificuldades lingüísticas apresentadas por N levará em conta, assim como no caso do sujeito P, problemas discursivos que a levaram a interessar-se pelos processos envolvidos na reconstrução da linguagem pelo sujeito. Outro objetivo apresentado é estender as observações feitas no caso de P e mostrar outros problemas que podem ocorrer com sujeitos afásicos.

Coudry propõe a discussão de alguns pontos centrais da atividade lingüística de N. Um desses pontos é o processo de especularidade

“(...) que indica a aderência do sujeito à fala e ao ponto de vista do interlocutor como um ponto de partida para sua interação com ele. Como já descrevemos, a especularidade se manifesta pela retomada, por parte do sujeito, de enunciados ou parte de enunciados proferidos pelo interlocutor em turnos anteriores do diálogo”.
(Coudry, 1996, p165)

O diálogo a seguir serve como exemplo do processo em questão:

(9) [16-02-84: investigador, N e sua filha, vendo o álbum de retratos de sua família.]

INV. – (Apontando para uma moça:) É sua sobrinha?

N. – Sim. Sua sobrinha.

INV. – Minha sobrinha?

N. – Não. Minha.

A respeito do diálogo (9) Coudry comenta que a resposta dada por N (“Sim. Sua sobrinha”) retoma a fala da investigadora não havendo mudança de orientação das relações “sua/minha”, pois N deveria substituir-se ao investigador como centro de referência. A retomada da fala da

investigadora ilustra o processo de especularidade e o sujeito afásico N se utiliza desse processo para estruturar o seu turno. Em outras palavras, o sujeito precisa passar por seu interlocutor para estruturar sua fala.

O próximo diálogo entre N, sua filha e a investigadora demonstra aspectos mais complexos da linguagem do sujeito em questão:

(10) [12-07-84: a mesma situação de avaliação do exemplo anterior.]

N. – Essa aqui é minha cunhada ... Esse aí é meu cunhado.

Filha – O que tia Zenilda é do senhor?

N. – É minha [...], minha [...], irmã de minha mulher.

INV. – Sua cunhada, não é?

N. – Sua cunhada.

INV. – Minha?

N. – Não. Minha cunhada.

No que diz respeito ao diálogo (10) Coudry chama a atenção para o fato de N ter tomado a iniciativa da conversa e quanto a isso a autora fala a respeito de uma atividade lingüística mais satisfatória em N nas narrativas espontâneas do que nos diálogos. Pode-se observar que as dificuldades de N aparecem no momento em que a filha interfere na sua descrição e ele então apresenta dificuldade para referir-se às funções de parentesco. A hipótese de Coudry (1996) é que nos diálogos o sujeito demonstra dificuldades de constituir-se e constituir a investigadora e, nesse caso, sua filha como interlocutor. A autora diz que a pergunta feita pela filha (“O que tia Zenilda é do senhor?”), faz com que N tenha que ocupar o lugar de interlocutor e é justamente esse lugar que ele tem dificuldades em ocupar.

O processo de especularidade é um passo intermediário, já que N se direciona no diálogo primeiramente pela adesão à fala da investigadora (“sua cunhada”) e posteriormente para uma diferença intersubjetiva (“Não. Minha cunhada”). Isso ocorre devido às estratégias utilizadas por Coudry que, ao estranhar a forma de resposta dada por N (“É minha [...], minha [...], irmã de minha mulher), lhe pede uma confirmação (“Sua cunhada, não é?”) e faz com que o sujeito tenha que trabalhar sua dificuldade, para assim poder lidar com os elementos “sua/minha” e seja, então, o interlocutor.

Coudry (1996), através das estratégias que utiliza, faz com que o sujeito N diferencie-se dela. E diante disso fala a respeito da importância do interlocutor como mediador e estruturador dessa diferenciação. A necessidade de N aderir ao interlocutor através da especularidade é uma das principais dificuldades do sujeito em questão. Contudo, quando N se utiliza da fala do interlocutor ele cria, segundo as palavras de Coudry, um “lugar vazio” e faz emergir daí a diferença em seu dizer; essa diferença, essa reconstrução é fundada pela reciprocidade do diálogo.

“(…) Essa dificuldade não pode ser tomada simplesmente como uma “falha”: De Lemos mostra bem o papel da especularidade não somente para o interlocutor organizar seu ponto de vista sobre o ponto de vista do outro, mas ainda como mediação para o processo posterior de diferenciação dos papéis discursivos. Os episódios de especularidade devem, portanto, ser considerados nessa perspectiva evolutiva dos diferentes processos dialógicos”. (Coudry, 1996, p168)

A respeito das considerações feitas por Coudry até este momento, no que diz respeito ao caso do afásico N, pode-se retornar a um dos objetivos da autora: estender as observações feitas no caso do sujeito P. A partir disso algumas pontuações serão estabelecidas entre o caso do afásico P e do afásico N para que se possa dar continuidade à análise proposta nesta dissertação.

Alguns pontos em comum podem ser observados nas colocações de Coudry a respeito dos afásicos P e N. Quando a autora fala a respeito do processo de especularidade, tão necessário ao sujeito N para estruturar sua fala, encontra-se também esse processo no caso do sujeito P. O prompting, uma das estratégias utilizadas por Coudry na reconstrução da linguagem de P, era de suma importância para o sujeito quando este o incorporava para a resolução de uma dificuldade. Pode-se observar no diálogo (7) que a resposta de P é construída em especularidade com o prompting fornecido pela investigadora:

INV. – Re... (Prompting para remo.)

P. – Re.

INV. – Rem... (Expandindo o prompting)

P. – Remar, remar.

Outro fator em comum entre os casos apresentados é a dificuldade, tanto de P quanto de N, de constituírem-se como interlocutores. A partir dessa dificuldade apresentada pelos afásicos em questão, Coudry salienta a importância da interação dela com esses sujeitos, já que serve de mediadora e estruturadora do discurso dos mesmos.

As características comuns relacionadas à problemática dos afásicos P e N são: especularidade, dificuldades dos sujeitos em constituírem-se como interlocutores e a importância da interação dos afásicos com a investigadora. Com relação ao processo de especularidade, aparece com mais ênfase no caso do sujeito N do que em relação a P, já que é com N que esse processo se situa como um dos pontos centrais das suas dificuldades.

Tanto com P quanto com N aplica-se a conclusão de que aderir à fala da investigadora é necessário para formular a sua própria. Essa conclusão remete novamente à teoria lacaniana ao postular que o sujeito necessita do outro enquanto seu semelhante, necessita primeiramente assujeitar-se ao outro (investigadora) para que possa advir na dimensão simbólica, dimensão

esta responsável pelo Outro enquanto o lugar da cadeia significante. O sujeito é um efeito do significante e o afásico comprova isso ao se utilizar do próprio significante para suprir a sua falha – primeiro ele necessita da simbolização da investigadora para formular a sua própria. E quando o afásico constitui a sua própria fala constata-se a presença primordial da linguagem como um terceiro que media a relação entre ele e a investigadora.

Quanto às dificuldades de P e N em constituírem-se como interlocutores, pode-se partir da conclusão de Coudry: a partir do momento em que o afásico incorpora em seu discurso as estratégias utilizadas pela investigadora, suas dificuldades podem encontrar solução. Essa conclusão permite levantar a hipótese de que é a relação imaginária que está prejudicada nos afásicos P e N, pois é essa relação que Coudry procura restituir ao afirmar que o importante é interpretar os erros e faltas do afásico como uma ruptura do componente interacional e social onde as formas lingüísticas se constituem. Essa ruptura considerada por Coudry é interpretada nesta análise como uma desorganização da relação imaginária, acarretando na dificuldade dos afásicos em colocarem-se como interlocutores.

Quanto à desorganização imaginária apontada acima, algumas argumentações fazem-se necessárias. Em primeiro lugar, quando se verifica uma desorganização imaginária por parte dos afásicos em questão, cabe a seguinte suposição: se é a dimensão simbólica, através da articulação significante, a responsável por dar sustentação à dimensão imaginária, nos casos dos afásicos P e N seria a dimensão simbólica que estaria prejudicada. Porém, os discursos dos afásicos com a investigadora analisados nesta dissertação demonstraram articulação significante, pois as falas dos sujeitos revelam intenções. As escolhas feitas por eles dentro do sistema de linguagem não são aleatórias, casuais, mas escolhas feitas por sujeitos – sujeitos que demonstram ser efeito do significante. No caso de P essa articulação significante já foi demonstrada. Com N isso será abordado mais explicitamente no final da análise de seu caso.

A articulação significativa parece preservada nos afásicos P e N, mas não se pode negar a falha existente em seu dizer. O comprometimento está na expressão, no desempenho da fala do afásico e, nesse sentido, a dificuldade em tomar a palavra relaciona-se ao sujeito do enunciado.

Para Dor (1989) a articulação do discurso supõe duas vertentes: o enunciado e a enunciação como o ato que elabora o enunciado. O enunciado é uma seqüência finita de palavras enviadas por um locutor e a enunciação coloca o sujeito em ação no enunciado. A enunciação refere-se à participação subjetiva do locutor como lugar e motivo do enunciado.

Lacan (1998c) coloca uma questão referente ao tipo de sujeito que se pode gerar ao reconhecer a estrutura da linguagem no inconsciente e, diante dela, fala a respeito de dois sujeitos: o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação. Para Lacan (1985b) o sujeito do enunciado não é o mesmo que o sujeito da enunciação, pois o primeiro designa o sujeito enquanto ele fala naquele momento e o segundo caracteriza-se pelo desejo. “(...) Tudo que anima , o de que fala toda enunciação, é desejo.(...)”.(Lacan, [1964]1985b, p.134). O sujeito de quem se fala no inconsciente é o sujeito da enunciação, que está além do dito, está por trás do que se fala no enunciado.

A partir das colocações feitas conclui-se que o sujeito da enunciação está preservado nos afásicos em questão porque o sujeito da enunciação resulta da articulação significativa, articulação esta determinante para o sujeito da psicanálise: o sujeito do desejo. A falha do afásico está, como foi dito anteriormente, na execução de sua fala.

A importância da interação dos afásicos com a investigadora é um ponto que foi trabalhado no caso P, visto que a reconstrução de sua linguagem deveria ser um processo conjunto com a investigadora. No caso de N essa interação também é fundamental e serve para reforçar a constatação, já desenvolvida no caso P, de que a reconstrução da linguagem do afásico ocorre a partir da relação imaginária estabelecida com a investigadora, relação esta

que é sustentada pela dimensão simbólica. A reiteração dessa constatação baseia-se no fato de que a investigadora fornece aos afásicos aquilo que neles é falho.

Outro objetivo de Coudry em relação ao caso do sujeito N é fazer uma comparação das produções lingüísticas do mesmo em situações contextualizadas e descontextualizadas, bem como mostrar outros problemas que podem ocorrer com sujeitos afásicos. A dificuldade de nomear aparece no sujeito N, além do processo de especularidade já mencionado, como mais um ponto crítico da atividade lingüística dele. É a partir dessa dificuldade que Coudry analisou em seu contato com N situações de diálogos ou narrativas e situações de teste-padrão.

A comparação feita por Coudry em relação às situações de teste-padrão e situações discursivas mostrou que N apresenta um desempenho muito melhor no uso de nomes em situações discursivas. A respeito dessa constatação a autora fala sobre a importância de atividades contextualizadas no processo de reconstrução da linguagem do afásico. Os exemplos a seguir demonstram as afirmações feitas anteriormente:

(11) [23-02-84: investigador e N observam a agenda onde está registrada uma viagem de N a Sorocaba. N relata essa viagem.]

N. – Saí às treze e trinta, cheguei em meia hora e fui procurar o freguês para entregar a bomba injetora. Aí ele me entregou outra de volta e vim embora. Fui na propriedade dele, dentro da cidade, uma loja.

(12) [23-02-84: teste de nomeação a partir de fotos (“o que é isso?”).]

- | | |
|-----------|------------|
| 1- agenda | 6- caderno |
| 2- álbum | 7- quadro |
| 3- bolsa | 8- cadeira |

4- relógio

9- lixo

5- ventilador

10- caneta

A respeito dos exemplos anteriores Coudry diz que N obtém sucesso no caso da narrativa espontânea (exemplo 11). Já no que diz respeito ao teste de nomeação, em que os nomes deviam ser evocados pela apresentação de fotos, N fez apenas um acerto entre dez possibilidades.

O diálogo entre N e a investigadora que será descrito a seguir reafirma a diferença de desempenho do sujeito N em situações de teste e em diálogo contextualizado. A forma como a investigadora coloca sua questão ao sujeito o leva a responder por uma série de nomes. Segue o diálogo em questão:

(13) [03-05-84: investigadores e N examinam a agenda onde estava registrada:

“casamento”.]

INV. – O que o senhor comeu no casamento?

N. – Sanduíche, presunto, salgadinho, doce.

INV. – E a bebida?

N. – Refrigerante e cerveja.

Para Coudry o melhor desempenho do sujeito afásico no que diz respeito à resolução de suas dificuldades se dá em situações de discursos espontâneos, diálogos e narrativas. Essas situações dão forma às experiências e vivências do sujeito por um trabalho de construção da significação, bem como representam uma atividade lingüística contextualizada, na medida em que “(...)consideram todas as condições de produção do discurso, sobretudo as relações entre os interlocutores, seu mútuo conhecimento, pressuposições de que partilham(...)”. (Coudry, 1996, p.176). Nas situações de teste ocorrem atividades descontextualizadas onde não é

permitido ao sujeito afásico a possibilidade de orientar o discurso, já que sua participação, nesses casos, não é ativa.

Segundo Coudry (1996), as situações contextualizadas mencionadas anteriormente permitem a interação entre os participantes do discurso e levam à elaboração conjunta da significação. Essa colocação feita pela autora permite ir além de suas palavras na medida em que esta análise tem como centro norteador a teoria psicanalítica.

Quando Coudry fala a respeito das situações discursivas em que N apresenta resultados positivos, pode-se pensar num fato como o maior responsável por isso: a interação de N com a investigadora. É através dessa interação que a investigadora dá os instrumentos necessários para que o afásico reelabore sua dificuldade. Na verdade as atividades contextualizadas fazem com que o afásico identifique elementos ao seu redor que possam ajudá-lo na sua dificuldade e esses elementos são encontrados através da investigadora. A investigadora organiza o imaginário do afásico.

“Gostaria, enfim, de sublinhar que foi com N (meu primeiro sujeito) que aprendi a me colocar na relação dialógica no lugar de meu sujeito. Compreendi que N expressava sua dificuldade discursiva deslocando-se para o meu lugar. Esse apoio de N em mim, enquanto interlocutor, forneceu-me as pistas para orientar a reconstrução de suas dificuldades e me ensinou a interpretá-las do lugar de onde provêm. Para mim, esse lugar é a fonte de interpretação: na medida em que nos fundimos e nos diferenciamos nessa situação dialógica peculiar do acompanhamento clínico, a fala de um e de outro se completa na interpretação mútua e no suprimento recíproco. Foi com N que aprendi essa natureza especular da prática terapêutica – esse espelho em que nos refletimos um ao outro”.(Coudry, 1996, p. 186)

4.7 Metonímia: o distúrbio da similaridade.

A dificuldade de nomear é característica da atividade lingüística apresentada por N e a respeito disso algumas considerações são necessárias. Os exemplos dados até este momento em relação ao discurso do sujeito N demonstram uma articulação das frases, mas quando o sujeito necessita entrar no diálogo como interlocutor ocorre a impossibilidade de nomear. Essa impossibilidade está relacionada ao processo de similaridade.

O processo de similaridade é responsável pela seleção de termos dentro do eixo da linguagem e essa seleção implica na possibilidade de substituir um termo pelo outro. O distúrbio da similaridade impossibilita a produção da metáfora e “(...) no caso de um afásico cuja função de substituição foi alterada e a do contexto permaneceu intacta, as operações que implicam similitude cedem às fundadas na contigüidade (...)”.(Jakobson, [1963]2001, p 48). O diálogo (10) em que N, sua filha e a investigadora vêem um álbum de fotos, exemplifica as argumentações feitas:

N. – Essa aqui é minha cunhada ... Esse aí é meu cunhado.

Filha – O que tia Zenilda é do senhor?

N. – É minha [...], minha [...], irmã de minha mulher.

INV. – Sua cunhada, não é?

N. – Sua cunhada.

INV. – Minha?

N. – Não. Minha.

Como já foi colocado, a dificuldade de nomear apresentada pelo sujeito aparece no momento em que sua filha interfere nas descrições que N faz das fotos, obrigando-o a colocar-se como interlocutor. E a partir de agora esta análise irá se deter na questão da nomeação.

Percebe-se a dificuldade do sujeito ao dar a resposta à filha em dizer a palavra “cunhada”. Em vez disso ele diz “irmã de minha mulher”. Isso se explica devido ao processo metafórico estar prejudicado e, conseqüentemente, “(...)um substantivo específico é substituído por um termo muito genérico (...)”.(Freud apud Jakobson, 2001, p. 43). A linguagem do afásico N se desenvolve através do processo metonímico.

A afasia sensorial, nomeada pela afasiologia clássica, é considerada por Lacan(1988), segundo a denominação de Jakobson, como distúrbio da similaridade. Lacan diz que esse tipo de distúrbio é caracterizado pela articulação e desenvolvimento das frases, porém com impossibilidade de dar sinônimos. “Portanto, há aí um distúrbio da similaridade que consiste nisso: o sujeito é incapaz da metáfrase, e o que ele tem a dizer está inteiramente no domínio da paráfrase”.(Lacan, [1955-1956]1988, p.225)

Para Jakobson (2001) os distúrbio afásicos consistem numa deterioração da capacidade lingüística de selecionar e substituir, ou da capacidade de combinar. O distúrbio da similaridade, então, é portador da impossibilidade de produzir metáfora, estando o funcionamento da linguagem do afásico acometido por esse distúrbio no nível da metonímia.

Para falar da metonímia, Lacan a compara ao estilo realista de descrever o real pelo pormenor. “A metonímia é também sensível numa certa passagem da obra de Tolstoi, em que cada vez que se trata de aproximar-se de uma mulher, vocês vêem surgir em seu lugar, procedimento metonímico de alto estilo, uma sombra de pinta, uma mancha no lábio superior etc”. (Lacan, [1955-1956]1988, p.260). A metonímia é caracterizada, segundo Lacan, pela coordenação significativa que torna possível a transferência de significado. Essa figura de estilo de linguagem se apoia na conexão de palavra por palavra sendo representante da parte ao invés do todo. “Designaremos com isso a primeira vertente do campo efetivo que o significativo constitui, para que nele tenha lugar o sentido”. (Lacan, 1998b, p.510)

Dor (1989) diz que na metonímia há uma transferência de denominação de um termo para um outro termo, mas é necessário que haja condições de ligação entre esses termos. Pode-se verificar a afirmação de Dor no discurso de N quando há uma transferência do termo “cunhada” para o termo “irmã de minha mulher”. A expressão “irmã de minha mulher” é metonimicamente utilizada no lugar de “cunhada”. “O processo metonímico impõe, assim, um novo significante em relação de contigüidade com um significante anterior, que ele suplanta(...)”.(Dor, 1989, p. 47)

O discurso de N que aqui se apresenta através dos exemplos dados demonstra que o sujeito consegue lidar com sua dificuldade de nomear através das estratégias discursivas utilizadas por Coudry. Nos exemplos (9) e (10) N, através do processo de especularidade, necessita da fala da investigadora para formular a sua. Essa diferenciação ocorre devido às estratégias de Coudry que assinalam para o sujeito a necessidade de reelaboração. O exemplo (11) demonstra que em situações discursivas e contextualizadas o desempenho de N é muito melhor no uso de nomes, e em (13) a maneira como a investigadora se coloca na conversa faz com que N consiga nomear. Até aqui retornou-se às constatações já feitas nessa análise, porém as pontuações feitas em cada exemplo dado vão em direção à seguinte afirmação: N consegue nomear porque há articulação significativa e há o contato com a investigadora. É através da investigadora que N vai buscar a palavra dentro do eixo da linguagem. O último diálogo desta análise complementarás afirmações anteriores:

(14) INV. – O senhor está sentado onde?

N.– Cadeira. Se você tivesse perguntado o nome, eu não sabia; mas assim

Lembro. Se pergunta o que é isso, não sei.

[Passa um ônibus fazendo grande barulho e o investigador imediatamente pergunta]

INV. – O que é isso?

N. – [...] Num sei.

INV. – Isso que o carro faz, o ônibus faz, o avião faz... Fica no nosso ouvido o tempo todo...

N. – (Quase interrompendo o turno do investigador) Barulho.

As condições proporcionadas pela investigadora permitiram a N responder às questões com sucesso, pois as pistas lingüísticas dadas pela mesma criaram um lugar onde N pôde se colocar imaginariamente como interlocutor. N consegue nomear através do suporte imaginário dado pela investigadora e esse suporte na verdade é um veículo que permite a expressão de uma articulação significativa que se revela no sujeito da enunciação.

Considerações finais

O caminho percorrido neste trabalho levou em conta questões pertinentes ao estudo das afasias, bem como à psicanálise. Do ponto de vista das afasias o que se pretendeu foi mostrar que o sujeito afásico, através de suas intenções, demonstra articulação significativa apesar das dificuldades de linguagem por ele apresentadas. E é nessa articulação significativa que o sujeito se produz, um sujeito indeterminado pela linguagem, um sujeito que é efeito de linguagem.

Em relação à psicanálise, houve um resgate da obra de Freud intitulada “A Interpretação das Afasias”, responsável por dar as bases ao desenvolvimento da teoria psicanalítica. Com o referencial lacaniano buscou-se considerar as afasias e o sujeito afásico a partir do significante. Levar em conta as afasias através da perspectiva psicanalítica permitiu retornar ao cerne da psicanálise: a constituição do sujeito pela linguagem.

A teoria lacaniana possibilitou compreender as afasias segundo os processos metafóricos e metonímicos e, diante disso, apontamentos muito importantes puderam ser considerados no decorrer do processo de análise. Um dos pontos fundamentais levantados na análise dos diálogos dos sujeitos P e N com Coudry foi a capacidade desses sujeitos em manter a articulação significativa mesmo frente ao déficit de linguagem presente em suas falas.

No caso do sujeito P, a articulação significativa, mencionada anteriormente, mostrou-se de forma latente, já que a impossibilidade de expressá-la em palavras manifestava-se nas intenções do sujeito, nas suas demonstrações de indignação (“como é que chama?”, “saco viu!”) frente as dificuldades por ele apresentadas. A fala de P coordenou-se segundo os processos metafóricos, pois ao deparar-se com os questionamentos da investigadora ele condensa em uma palavra os desdobramentos da resposta de forma completa (fato indicado na análise do caso P). Porém, as respostas dadas pelo sujeito em questão não ocorrem de forma aleatória, já que o mesmo escolhe uma palavra que represente um objeto específico da ação

esperada como resposta. Esse é outro apontamento da intenção do sujeito, intenção que se faz presente pela articulação significativa, uma articulação de caráter metonímico (latente no sujeito P) que permite ao sujeito afásico a produção metafórica expressa em sua fala.

Com relação ao sujeito N as considerações acima também são aplicadas. Em primeiro lugar, a metonímia apresenta-se como o processo em que a fala de N se desenvolve. Nesse caso o processo metafórico está prejudicado e isso pôde ser constatado na dificuldade do sujeito em nomear. No entanto, percebe-se que N ultrapassa sua dificuldade e consegue nomear através do suporte dado pela investigadora.

Ao discorrer anteriormente a respeito do suporte dado pela investigadora em relação a N, outro aspecto relevante foi levantado a partir da análise empreendida nesta dissertação: a interação da investigadora com os sujeitos P e N. A importância dessa interação foi retomada neste trabalho segundo a teoria lacaniana da constituição do sujeito.

A leitura de Lacan permitiu compreender o papel da investigadora no processo de reconstrução da linguagem do afásico por meio do suporte imaginário dado pela mesma aos sujeitos em questão. Essa discussão iniciou-se na análise pela relação afásico – linguagem – outro/Outro. É através da investigadora que o sujeito se reconhece como afásico porque ela serve de espelho para que este identifique suas dificuldades, mas existe algo além dessa relação especular. A estrutura significativa como elemento terceiro sustenta a relação afásico/investigadora e, a partir dessa relação, é possível tanto a P quanto a N reconhecerem-se como sujeitos que se produzem na articulação significativa. A investigadora funciona aí como representante simbólico desse elemento terceiro que é o Outro da linguagem.

Segundo as colocações feitas é possível retornar à pergunta de pesquisa desta dissertação: como, a partir da análise da fala de afásicos, podemos encontrar a confirmação de que a subjetividade decorre de uma articulação significativa e como essa dimensão do sujeito,

no caso dos afásicos, pode ser recuperada através do manejo deste discurso na situação terapêutica?

A questão anterior permitiu algumas considerações como o fato da subjetividade para a psicanálise dizer respeito ao sujeito enquanto efeito de linguagem. A análise da fala dos sujeitos P e N possibilitou a confirmação do pressuposto psicanalítico acima levantado, pois a falha existente na linguagem dos afásicos em questão demonstrou por intermédio dos processos metafóricos e metonímicos o funcionamento da estrutura significante. O sujeito afásico enquanto efeito do significante é confrontado com suas dificuldades ao mesmo tempo em que as supera, pois mesmo no erro suas palavras demonstram intenções. Se há intenção, há sujeito, se há sujeito, há articulação significante.

Ainda com referência à pergunta de pesquisa deste trabalho, destacou-se a situação terapêutica na qual encontram-se envolvidos P, N e Coudry como responsável por restituir o que é falho nos afásicos envolvidos. P e N demonstraram necessitar da simbolização de Coudry para formular suas próprias, pois a falha nesses sujeitos encontrou-se na expressão, no desempenho de suas falas. Essa falha pôde ser recuperada através do suporte imaginário dado por Coudry.

O processo vivenciado entre os sujeitos e Coudry permitiu a compreensão de que a falha na linguagem dos afásicos deveu-se a uma desorganização da dimensão imaginária. Como já foi comentado anteriormente, a investigadora é quem fornece o suporte imaginário do qual o afásico necessita, mas esse suporte só foi possível devido à articulação simbólica que se pressupôs na análise das falas de P e N. Essa estrutura simbólica revelou-se nas intenções e falas dos afásicos como uma estrutura que pré-existe aos discursos destes, uma estrutura presente no Outro da linguagem.

Esta dissertação procurou mostrar que a afasia não apaga o sujeito. O sujeito está lá presente nas falhas de linguagem, presente na intenção daquilo que é dito e não dito.

Com a psicanálise houve a busca de compreender os afásicos P e N no movimento empreendido por cada um rumo à reconstrução de sua linguagem, ou melhor, rumo ao encontro de alternativas para suas dificuldades. Nesse sentido, a presença da investigadora no processo terapêutico foi fundamental, já que através dela o afásico elabora suas dificuldades lingüísticas.

Referências Bibliográficas

Birman, J. (1993). **Ensaio de teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Coudry, M. I. H. (1996). **Diário de narciso: discurso e afasia – análise discursiva de interlocuções com afásicos.** São Paulo: Martins Fontes.

Dor, J. (1989). **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas.

Freud, S. (1979). **A interpretação das afasias.** Lisboa: Edições 70.(Originalmente publicado em 1891).

Freud, S. (1987a). **Estudos sobre a histeria.** Rio de Janeiro: Imago. ESB, v.2. (Originalmente publicado em 1893-5)

Freud, S. (1987b). **A interpretação dos sonhos.** Rio de Janeiro: Imago. ESB, v.4 e 5. (Originalmente publicado em 1900).

Freud, S. (1989). **Tratamento psíquico (ou anímico).** Rio de Janeiro: Imago. ESB, v.7. (Originalmente publicado em 1905).

Freud, S. (1996). **O inconsciente.** Rio de Janeiro: Imago. ESB, v.14. (Originalmente publicado em 1915)

Garcia-Roza, L. (1991). **Introdução à metapsicologia freudiana: sobre as afasias (1891)-O Projeto de 1895.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar .

Jakobson, R. (2001). Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. Em: I. Blikstein e J. P. Paes (trad.). **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix. (Originalmente publicado em 1963).

Lacan, J. (1985a). **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1954-5).

Lacan, J. (1985b). **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1964).

Lacan, J. (1988). **O seminário, livro 3: as psicoses.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1955-6).

Lacan, J. (1998a). O estádio do espelho como formador da função do eu. Em: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1949).

Lacan, J. (1998b). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Em: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1957).

Lacan, J. (1998c). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. Em: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1960).

Lacan, J. (1998d). Posição do inconsciente. Em: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1960).

Lacan, J. (1999). **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1957-8).

Laplanche, J., Pontalis, B. (1970). **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes.

Mezan, R. (1998). **Escrever a clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Moraes, M. R. S. (1999). **Materna / Estrangeira: o que Freud fez da língua?** Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas.

Orlandi, E. P. (2001). **A análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes.

Poe, E. A. (2003). A carta roubada. Em: B. Silveira e outros (trad.) **Histórias extraordinárias**. São Paulo: Nova Cultural.

Saussure, F. de. (2002). **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix. (Originalmente publicado em 1916).

Scotti, S. (1998). **A estrutura da histeria em Madame Bovary**. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

Souza, Y. S. de. (1997). Sujeito do inconsciente e interdiscursividade: observações sobre a intersecção dos conceitos. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. V. 32, n. 1, p.89-102, mar.

Teixeira, M. (2000). **Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso**. Porto Alegre: EDIPUCRS.

